

Cartas de Rui Ennes Ulrich a Alfredo Pimenta (de 1922 ? a 1948)

CARTAS DE RUI ENNES ULRICH A ALFREDO PIMENTA (de 1922 ? a 1948)

Introdução

Rui Ennes Ulrich nasceu em Lisboa em 20 de Abril de 1883 e morreu na mesma cidade em 1966.

Nascido numa família de origem germânica instalada em Portugal por volta de meados do século XVIII, aquando da reconstrução de Lisboa sob a batuta enérgica do futuro Marquês de Pombal, alcançou pela sua formação profissional e intelectual e pela sua circunstância familiar uma alta posição na sociedade portuguesa. Assistiu à queda da monarquia com vinte e sete anos e durante ela formou-se na faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (1904) com brilhante classificação e nela se doutorou breves anos depois com uma tese que mereceu a publicação, intitulada *Do Reporte no Direito Comercial Português*. Iniciando a carreira de professor universitário interrompe-a a seu pedido aquando da proclamação da República.¹ Vinte e seis anos depois, a faculdade de Direito da Universidade de Lisboa acolheu-o, chegando a desempenhar nela a função de director.

Rui Ennes Ulrich atravessou a nossa 1ª República durante uma fase larga da sua adultez e o Estado Novo dos seus quarenta e cinco anos aos oitenta e três.

Durante a 1ª República, alcançou pelos próprios méritos os lugares de vogal da Junta do Crédito Público (1911), director do Banco de Portugal (1914 – 1927), presidente do Conselho de Administração da Companhia de Moçambique a partir de 1920, e da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, desde 1922, tendo-se mantido nestas funções para lá da derrocada deste regime, até 1933.

No dealbar do Estado Novo, é delegado de Portugal à Conferência das Reparações em Haia (1929-1933) e, durante este, além de professor na Universidade de Lisboa, Faculdade de Direito, (1937, regendo o curso de Economia Política),² Procurador à Câmara Corporativa (1937-42, 44-50, 61-65), embaixador de Portugal em Londres (1933-35 e 1950 a 53), presidente do Centro de Estudos Económicos a partir de 1944, membro do Conselho de Suplentes do Pacto do Atlântico (1950-52), administrador da Companhia Nacional de Navegação. Paralelamente foi autor de uma notável bibliografia em que a par dos estudos económicos e financeiros se encontram alguns títulos de carácter histórico. Pertenceu a academias científicas e literárias e foi agraciado com várias condecorações.

Alfredo Pimenta, por seu lado, nasceu numa recôndita freguesia do concelho de Guimarães – São Mamede de Aldão – em Dezembro de 1882, numa família de cepa portuguesa, de médios proprietários rurais, com terras em Penouços e na freguesia de Atães. Na geração do seu Pai, a família dividiu-se pela exploração das terras e pela tentação do comércio, chegando alguns dos seus tios a viajar ao promissor Brasil, donde voltaram, cedo e sem ilusões para se resguardarem nas suas propriedades e casa familiar. Dois deles ingressaram na vida religiosa, no clero secular, onde um sobressaiu pela sua inteligência, dons de oratória e integridade moral, chegando a ser considerado como juiz de bom conselho em questões complicadas. Eram onze irmãos – nove rapazes e duas raparigas – nascidos de um capitão de milícias nas hostes de D. Miguel e duma senhora com largas propriedades nas terras ancestrais de D. Vataça Lascaris, mulher de D. Martim Anes de Soverosa, prima em 7º grau da nossa Rainha Santa e sua dama,³ onde se cultivava o milho, o feijão e as vides subiam pelos choupos esguios ou se espreguiçavam em amenas ramadas que davam sombra às veredas tortuosas, enquanto as juntas de bois trabalhavam tranquilamente os campos. O capitão de milícias, de seu nome Francisco Lopes Pimenta, era, por

¹ Fernando Emygdio da Silva, *O Perfil de Ruy Ennes Ulrich: expressão de Altitude*, Lisboa, 1968

² id. p. 27

³ Maria Helena da Cruz Coelho e Leontina Ventura, *Vataça Uma Dona na Vida e Na Morte*, Separata da *Revista da Faculdade de Letras – História*, Porto, III série, vol III, 1986.

herança, foreiro dos monges Jerónimos que do seu altivo convento da Costa dominavam largas áreas pelo vale e montes de Guimarães. Sua mãe, Teresa Leite de Faria jovem viúva, aproveitando as reformas de Mouzinho da Silveira remiu foros em nome do filho na freguesia de Azurém e de São Mamede de Aldão havia duas centenas de anos nas mãos da sua família.

Destes onze irmãos que bem podiam servir de modelo a personagens de Camilo, pelo seu viver de agricultores afdalgados, recebedores de rendas, amantes da caça e de um certo “farniente”, só um teve filhos – o pai de Alfredo e Rodrigo Pimenta, que ficaram órfãos (o primeiro aos doze anos, o segundo aos dez) sendo entregues, em consequência, aos cuidados de seu tio Silvestre Pimenta, economicamente bem instalado no ramo do comércio e da indústria, casado com Maria Emília Monteiro de Meira, da família de ilustres vimaranenses, os médicos João, Joaquim e José de Meira, cultores de História e Arqueologia, senhores de interessantes bibliotecas e de grande prestígio na cidade de Guimarães. O Dr. Joaquim José de Meira foi nomeado para o conselho de família dos menores Alfredo e Rodrigo.

Inserido nesta circunstância, de menino minhoto, de família com laivos de ruralidade e aspirações mercantis, com um certo nível de instrução, de órfão no dealbar da adolescência, batido pelos ventos de um casamento não abençoado de seu pai, de estudante nas escolas da cidade com exames no liceu de Viana do Castelo, Alfredo Pimenta cedo obedeceu ao imperativo da sua vocação que o levava para o mundo da cultura. Tornou-se frequentador intenso e voraz da biblioteca de Joaquim José de Meira e aí se familiarizou com os grandes literatos e pensadores. Por vontade própria, ingressa em 1899 na faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Nesta cidade, mais do que com o Direito, embrenha-se no sentido literal do termo no mundo das ideias, com o exercício da crítica e a necessidade de comunicar, publicando, discutindo, procurando, sem nunca se satisfazer. O seu curso durou nove anos, não por preguiça ou incapacidade, mas pela dispersão em inúmeras actividades de carácter intelectual. Foi nele que encontrou Rui Ulrich, brilhante aluno, consciencioso e cumpridor, terminando a sua tarefa coimbrã em tempo devido, com altas notas que lhe abriram as portas ao doutoramento e à cátedra. A geração deste ilustre colega – ele e os seus irmãos – manteria o nível social atingido pelos seus ascendentes uma vez chegados às terras lusas, vindo todos eles a preencher lugares de importância na banca, conselhos de administração de companhias várias, postos altamente qualificados na administração pública e no ensino, como foi o caso de Rui Ulrich.

Não nasceu Alfredo Pimenta nas altas esferas da sociedade. Ascendeu no entanto ao cimeiro lugar da elite intelectual do seu tempo. A qualidade do seu labor, a sua energia, a força do seu carácter e sua sensibilidade estética, o diálogo que estabeleceu com a sua circunstância, procurando salva-la para se salvar a si, nos termos da brilhante definição programática que Ortega y Gasset faz do *eu* pessoal, permitiram que se fosse elevando em espiral ao ponto de ser considerado tanto nacional como internacionalmente (dentro da amplitude possível à língua portuguesa). E foram esse labor e a repercussão social da sua personalidade que explicam a aproximação dos dois antigos colegas uma vez adultos com círculos sociais e níveis económicos distantes. Essa aproximação é testemunhada pelo conjunto de cartas que Rui Ulrich endereça a Alfredo Pimenta entre, possivelmente 1920 e 1946. São 57 peças, das quais 15 não têm indicação do ano em que foram escritas, apenas o dia do mês, mas são quase todas em papel timbrado da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses de que Rui Ulrich foi presidente entre 1922 e 1933, pelo que terão de se situar entre estas datas; 3 escritas do Banco de Portugal, onde Rui Ulrich trabalhou entre 1914 e 1928; 1 do Hotel de Santa Luzia em Viana do Castelo, 1 em papel timbrado da Rua Silva Carvalho, residência Ulrich a partir de 1924; as restantes situam-se entre 1933 e 1948 (6 de 1932, 7 de 1933, 1 de 1935, 3 de 1937, 9 de 1939, 7 de 1940, 1 de 1945, 2 de 1946, 1 de 1947 e 3 de 1948), todas manuscritas, grande parte com sobrescrito e estampilha.

Este conjunto epistolar tem entre outras, uma característica a salientar: na sua totalidade, as cartas de Rui Ulrich são resposta às de Alfredo Pimenta, o que significa, que era este quem tomava a iniciativa da correspondência; porém, em todas elas se verifica a prontidão da resposta, sem delongas e, quando as há, são imediatamente

explicadas pelo seu autor, amabilíssimo e atento, com constantes protestos de admiração pelo seu emissor e compreensão pelos trâmites da sua vida e da sua sensibilidade. Nelas se revela a percepção que Rui Ulrich tinha do valor da vida humana e do esforço que a sua construção pessoal responsável implicava e de que a biografia de Alfredo Pimenta é paradigma. Este traço da personalidade do Mestre de Direito inclui-o no núcleo dos indivíduos que se encontram às vezes nas sociedades para bem destas e que são aqueles que sabem “distinguir entre as pessoas” na aceção do filósofo já citado quando afirma que *“la vida de una sociedad y más aún la de un pueblo depende de que sus individuos sepan bien distinguir entre los hombres y no confundan jamás al tonto con el inteligente, al bueno con el malo”*⁴. Estas considerações são feitas pelo referido pensador espanhol no já longínquo ano de 1928, quando, na sua opinião, a sociedade espanhola padecia da doença da perversão de juízos ao não saber distinguir os inteligentes dos néscios, os bons dos farsantes, seguindo com admiração aqueles que mais lugares comuns deitassem e mais adulassem a opinião pública repetindo as estupidezes que com agrado ela ouve. Ortega falava assim às crianças espanholas, garantes do futuro do seu país, fazendo votos para que aprendessem o que faltara aos seus pais e avós: saber distinguir as pessoas: *“No ignoráis que con el ejercicio y el adiestramiento consigue el hombre perfeccionar incalculablemente su capacidad de distinguir. El pintor llega a notar la diferencia entre colores que a los demás parecen iguales. El músico distingue las más leves divergencias entre los sonidos. Para el que es catador de vinos, como lo fue el padre de Sancho Panza, no hay dos vinos iguales. La palabra «sabio» significó en un principio el que distingue de sabores.”*⁵ Assim, ao atribuir valor a Alfredo Pimenta, sabendo distinguir as suas qualidades, ele sabe tomá-lo como um todo, sendo tão atento aos seus problemas económicos, como às suas opiniões políticas, literatas, filosóficas e históricas ou às suas penas e dores que encontraram, segundo esta correspondência, constante eco em si. Também reconhece, agradecido, a compreensão que verifica no escritor acerca dos seus próprios triunfos ou desgostos e preocupações.

Os temas destas cartas levam-nos para aspectos interessantes das biografias dos dois correspondentes. Um deles, relaciona-se com as agruras económicas dum escritor que vivia praticamente apenas do que publicava,⁶ já que só depois de 1932, Alfredo Pimenta ingressa na administração pública ao ser nomeado 2º conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. A 1ª República, pela qual pugnara nos seus anos de juventude, vendo nela a correcção necessária aos vícios em que caíra a gerência dos negócios públicos nas últimas décadas da monarquia, oferecera-lhe durante os cinco primeiros anos algumas maneiras esporádicas de ganhar a vida: em 1911 foi chefe de gabinete do ministro do Fomento, Aurélio da Costa Ferreira no governo provisório de Duarte Leite (1910), professor no Liceu Passos Manuel em Lisboa (1911, 1912, 1913), colaborador efectivo do jornal *República* onde assegurava os “fundos” a convite do dr. Malva do Vale. Porém, começa a distanciar-se do regime por desilusão perante a ineficácia da acção governativa, do radicalismo de certas medidas e da desordem política e social que tomava conta do país. Em 1915, conclui pela monarquia, justificando publicamente a sua tomada de posição. Aliás, os seus escritos, a partir de 1911, reflectiam a sua evolução para um progressivo conservadorismo. Isto coloca-o à revelia do regime e portanto piora a sua situação económica. Por exemplo, ao concorrer para professor na Faculdade de Direito na Universidade de Lisboa, em 1913, vê o seu concurso intransigentemente anulado por falta de cumprimento de determinadas normas burocráticas; é, pois, à sua escrita que Alfredo Pimenta se arrima para sustentar o seu agregado familiar então composto por seis pessoas. O seu espírito espraia-se pelos domínios da estética onde defende a arte não comprometida, pela política onde vê a guerra de 1914 como um fenómeno da vida europeia, sujeita às leis sociais e ao condicionamento geral da Europa, impossível de evitar indefinidamente. No ponto de vista nacional, defende a monarquia tradicional, não parlamentar, mas dentro

⁴ Ortega y Gasset, “Para Los Niños Españoles”, Obras Completas, vol. IX, Madrid, *Revista de Occidente*, 1964, pg. 160

⁵ id. pg. 159

⁶ Ruy Ennes Ulrich a Alfredo Pimenta, cartas de 18 e 25 de Abril s/ano [nºs 14 e 15]; 4 de Maio s/ ano [nº10], 16 de Junho, s/ano [nº2], 26 de Julho [nº11], 13 de Novembro s/ ano [nº12], 23 de Janeiro de 1932 [nº18], 20 de Janeiro de 1933 [nº24], e 17 de Abril de 1933 [nº25], 31 de Agosto de 1932 de Bad-Kissingen [nº20].

da ortodoxia do princípio monárquico da legitimidade do rei. Pugna para que D. Manuel II se desligue do seu juramento constitucional, o que o distancia tanto da chamada Causa Monárquica como dos seus amigos integralistas. Ao enfrentar a aceitação que a Igreja Católica portuguesa se preparava fazer do regime republicano, opõe-se-lhe com a lógica dos princípios e entra em colisão com a hierarquia evocando a impossibilidade desta pactuar com o regime que espoliava a Igreja dos seus bens e a sociedade portuguesa do ensino da religião e da moral cristãs. Todas estas posições o colocavam numa situação de isolamento face a grupos e poderes; via deste modo dificultado o acesso a remunerações seguras que lhe permitissem uma vida mais desafogada. É justiça referir a contrapartida que o então director do *Diário de Notícias*, Dr. Augusto de Castro, oferece ao seu valor, quando lhe abre as portas do jornal, a partir de 1923, para uma colaboração permanente numa secção que convinha ao seu modo de ser intelectual: “*Cultura Estrangeira – Cultura Portuguesa*”. Faculta-lhe assim um espaço em que “*pela primeira vez se tenta oferecer ao leitor português o espectáculo sistemático das múltiplas manifestações da cultura moderna*” e onde Alfredo Pimenta com notável erudição apresentava os livros que se publicavam fazendo a sua crítica, entendida esta como um diálogo entre o autor e o crítico que salientava qualidades, fazia reparos, contribuía com achegas, polemizava, se necessário fosse... Este reconhecimento de Augusto de Castro, ao mesmo tempo que valorizava o jornal, permitia a divulgação dos estudos de Alfredo Pimenta e ajudava-o a mitigar as dificuldades financeiras que o acoassavam.

Esta situação de independência de espírito ‘*avant tout*’, manteve-a Alfredo Pimenta durante o Estado Novo e, se encontrou nele um certo acolhimento e utilização das suas qualidades de intelectual, não resolveu integralmente os seus problemas económicos, pois a subida do nível de vida, o envelhecer dele e de sua mulher e a sua devoção ao estudo que o obrigavam, no sentido literal da expressão, a comprar livros, que eram como ele próprio dizia, a sua ferramenta, não eram compensados pelo que recebia como conservador da Torre do Tombo e, um ano antes da sua morte (1950), seu director. Se é certo que ganhou o concurso do livro único para o Ensino Secundário de História de Portugal⁷ e recebeu o encargo de desempenhar certos cargos cuja retribuição era meramente honorífica (Vogal da Comissão Central do Conselho Superior de Instrução Pública, 1932) e Académico Titular Fundador da Academia Portuguesa de História (1937), se é certo que o Estado o Novo reconheceu os seus méritos quando lhe atribuiu em 1936 o Prémio Ramalho Ortigão do Secretariado de Propaganda Nacional pelo seu livro “*Novos Estudos Filosóficos e Críticos*” e se o Presidente do Conselho, Oliveira Salazar, o ouve, embora nem sempre o siga, e lhe pede conselho sobre o modo de reconstituir o Estado com pessoal intelectualmente adequado, entre outros assuntos⁸, também é certo que nem por isso, Alfredo Pimenta deixa de se constituir em “ilha”, pois não desiste de dizer o que pensa sobre tudo e todos na mais estrita obediência à sua consciência; neste sentido, embora admire o Presidente do Conselho e manifeste a sua admiração e a sua gratidão pelo que consegue fazer do país, não o poupa quando lhe diz a sua preocupação pelo problema do regime que não prepara para a monarquia: “*O Estado novo é uma experiência – mas é uma anomalia na vida política da Nação. Tem até agora [1937] resolvido problemas de administração. Não resolveu, não pode resolver o problema crucial, o problema fundamental, o problema essencial – o problema político. É um artifício – cheio de magníficas intenções – as intenções honradas do homem que o arquitectou, mas um artifício, (...) precário, provisório, à mercê duma lufada*”⁹. No início dos anos 40 queixa-se, em carta desassomburada à Assembleia Nacional pelo facto de a sua correspondência ser violada pelos serviços secretos do Estado, em 1942 é preso pelo ministro do Interior pelo facto de ostentar a bandeira da monarquia na janela da sua residência em Lisboa, o que fez durante anos sem ninguém se incomodar, até que um dia o ministro passou de automóvel naquela rua... Reclama assiduamente junto do Presidente do Conselho a acção da censura contra si; durante a 2ª Guerra Mundial, defende a vitória alemã, em artigos vigorosos, em vários jornais

⁷ Alfredo Pimenta, *Elementos de História de Portugal*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1934 a 1938, (cinco edições)

⁸ Salazar e Alfredo Pimenta – *Correspondência 1931-1950*, Verbo, 2008

⁹ Alfredo Pimenta, *Nas Vésperas do Estado Novo*; Porto, 1937, Liv^o Tavares Martins, pg. 181

e revistas, como estratégia para que a Europa não caísse em mãos yankees ou soviéticas, os *'dois molossos'* que, nas suas palavras, a espreitavam a ocidente e a oriente. Ao mesmo tempo fazia constante profissão de fé do seu anti-democratismo. Estas posições não iam evidentemente, a par com as opções da administração salazarista nem da maioria da opinião pública esclarecida nem tão pouco da Igreja Católica sob a batuta do cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira que o chegou a acusar, em carta pastoral, de *"escritor perigoso"*, aconselhando os católicos a não o lerem¹⁰. Esta foi uma machadada violenta na sua colaboração com a imprensa católica e de direita. No quadrante onde se integrava pelo ideal monárquico, também criou uma situação de isolamento. Pela crítica à excessiva acomodação dos seus correligionários ao regime, pelas suas afirmações contra a democracia, chegou a impacientar o pretendente ao trono português. Toda esta maneira de ser que não pecava pela descrição o tornava pessoa incómoda. Embora geralmente admirado pelo seu saber, era temido e silenciado, fosse pelo medo dos seus juízos, fosse para fugir à instabilidade que as suas opiniões provocavam na maioria da sociedade portuguesa. No entanto era querido num círculo restrito de amigos e até da opinião pública, embora esta fosse a parte "vencida". Por esta ordem de razões, apesar de ser um trabalhador infatigável acabou reduzido à colaboração de dois jornais e à necessidade de recorrer a edições do seu bolso para comunicar o que ia pensando. A sua morte, porém, não passou despercebida, pois a imprensa nacional noticiou-a com relevo, reflectindo deste modo que no país alguém de renome tinha morrido.

Além do tema das dificuldades financeiras do escritor que nos pode remeter para o aspecto sociológico da situação económica de um homem de letras, intelectual e político da primeira metade do século XX, estas cartas revelam-nos aspectos do carácter humanitário dos dois correspondentes, os seus interesses intelectuais, passos da vida profissional de Rui Ulrich, da obra de Alfredo Pimenta e alguns aspectos da trama da vida política do Estado Novo.

Quanto a este item, encontramos alusões às relações do governo com os monárquicos: indirectamente o problema da reposição da monarquia que alguns defensores desta forma de governo pensavam ser o oculto desígnio de Salazar graças às raízes integralistas do seu pensamento. Alfredo Pimenta era um deles, atingindo a máxima esperança aquando das festas dos Centenários da Fundação e Restauração de Portugal em 1940 com o convite oficial à Família Real portuguesa para assistir à estas comemorações. Mas esta convicção ia-se esboroando a contragosto e com certa incredulidade, levando-o à impaciência, pois o decorrer dos factos não concretizava o sonho alicerçado nas certeza das raízes intelectuais de Oliveira Salazar. Por isso, em determinada altura, já bastante tempo depois desta data, terá alertado Rui Ulrich para a visível acomodação dos monárquicos ao regime, que na sua opinião ajudava o adiamento da solução monárquica. Mereceu uma resposta serena e pactuante com a realidade¹¹ como aliás, é timbre do critério que preside a estas cartas. Através delas, Rui Ulrich mostra ser uma personalidade dotada do sentido do real, não deixando verter sobre ele ilusões ou quimeras ideológicas. Face ao problema exposto por Alfredo Pimenta, Rui Ulrich salienta o saldo positivo de tal facto que em si mesmo seria negativo: o ter contribuído para que o regime salvasse o país do caos em que caíra. E, experiente, concorda com a possibilidade de relação de tal atitude com interesses individuais, mas contrapõe os benefícios alcançados pelo interesse nacional. A mesma razoabilidade é patente quando em Lisboa se começa a pensar na possibilidade da visita da Rainha D. Amélia a Portugal. Na carta em que alude a esse assunto, não acredita na realização de tal visita, acrescentando ainda que para a Senhora a *"situação seria absolutamente falsa"*.¹² Igual critério preside à apreciação rápida e circunstancial que faz da acção política do Rei D. Manuel II no seu exílio de Londres: em resposta às depreendidas palavras de Alfredo Pimenta, sobre o auxílio que ele encontraria,

¹⁰ Cardeal Patriarca de Lisboa, *Nota Pastoral*, 1 de Julho de 1943

¹¹ Ruy Ennes Ulrich a Alfredo Pimenta, carta de 29 de Novembro de 1947 [nº 54].

¹² Ruy Ennes Ulrich a Alfredo Pimenta, carta de 25 de Julho de 1939 [nº 40]

para a sua actuação como embaixador junto da corte inglesa na pessoa do Rei, se vivo fosse, Rui Ulrich desmitifica a acção diplomática que se atribuía ao deposto monarca; não lhe dá o alcance que a voz corrente lhe concedia, embora salvasse, isso sem dúvida, a utilidade que teriam os régios conhecimentos acerca do meio e conselhos para o desempenho do cargo que fora chamado a desempenhar.¹³ O problema da reposição da monarquia será um dos elementos concomitantes para a deposição da sua função de representante de Portugal na Grã-Bretanha: a juntar às conhecidas pretensões de Armindo Monteiro para ocupar este lugar¹⁴ encontramos a inadvertência (!) de Rui Ulrich ao convidar o príncipe D. Duarte Nuno de Bragança, pretendente ao trono português, para um jantar privado na embaixada de Portugal.¹⁵

No entanto, pese embora a sua condição de monárquico, o Estado Novo merecia a Rui Ulrich grande consideração pela obra de recuperação do país. Logo após a sua nomeação em 1933, confessa a consciência que tinha da dificuldade do cargo embora esperasse que a “*sensível melhoria da civilização interna*” granjeasse para o país maior consideração internacional.¹⁶ Tranquilizava assim Alfredo Pimenta, que antevia as dificuldades que encontraria no desempenho dessas funções por causa da situação de Portugal, cujas dificuldades repercutiam gravemente, em nosso desfavor, no cenário internacional; curiosamente, conta com o factor sorte - o “*verdictum da sorte que me favorecerá ou não e que tão importante é em casos taes*” não descurando a dedicação com que, confessa, iria exercer a sua tarefa.¹⁷

Esta correspondência reflecte, pois, o acolhimento do Estado Português aos méritos de Rui Ulrich incumbindo-o de funções importantes. Por exemplo a alta responsabilidade que lhe confia ao nomeá-lo delegado à Conferência das Reparações em Haia – “*missão interessante, mas de muito melindre e responsabilidade*”.¹⁸ Mas reflecte também aspectos gerais da sua vida como viagens aos Estados Unidos da América com o objectivo de analisar a administração pública, em que sobressai o encanto com o pitoresco do perigo da sua retenção naquele país por causa da crise de Berlim do pós guerra de 39-45 e as delícias do vôo no Constellation, o ritmo intenso da sua vida profissional, a constância do trabalho que a sua missão de docente lhe impunha, o apelo que se fazia à sua cultura¹⁹. Esta faceta está em relação, aliás, com um dos interesses que patenteia nesta correspondência quando agradece, grato e pronto, as numerosas ofertas que Alfredo Pimenta lhe fazia dos livros que ia publicando. Os seus comentários revelam leitura atenta, admiração pelo saber do autor e uma certa preocupação em demonstrar que os assuntos não lhe eram desconhecidos. Em 1935 Alfredo Pimenta profere uma conferência na Universidade de Coimbra que intitula *Auto-Biografia filosófica*²⁰, em que traça o caminho percorrido pelo seu espírito, da juventude até à idade em que se acha, – 53 anos –, na ânsia de encontrar a Verdade. Descreve a conclusão a que chegara depois de muito estudo: a abstenção filosófica, em virtude da relatividade que apercebe nas conclusões da Razão, todas elas afinal, relativas pela sua natureza histórica e pessoal. Esclarece no entanto que o seu temperamento não o leva à inacção, pois a necessidade fatal de ideias que o homem tem para se poder salvar no naufrágio que a Vida é, impele-o a lutar por elas. Nesta conferência, Alfredo Pimenta, no seu estilo límpido e apaixonado descreve o esforço despendido para resolver o magno problema: subira “*aos píncaros onde se fundem raios de sol e toalhas de neve, e donde se avista o Infinito que nos seduz e nos chama*”, descera “*aos abismos aparentemente insondáveis das Dúvidas insolúveis e das Agonias desesperadoras (...)*” e como o público a que se dirigia era jovem, constituído por

¹³ Ruy Ennes Ulrich a Alfredo Pimenta, cartas de 1 de Junho de 1933 [nº28] e de 25 de Julho de 1939 [nº40]

¹⁴ Ruy Ennes Ulrich a Alfredo Pimenta, carta de 25 de Julho de 1939 [nº40]

¹⁵ Ruy Ennes Ulrich a Alfredo Pimenta, carta de 22 de Novembro de 1935 [nº31]

¹⁶ Ruy Ennes Ulrich a Alfredo Pimenta, carta de 1 de Junho de 1933 [nº28]

¹⁷ Ruy Ennes Ulrich a Alfredo Pimenta, carta de 1 de Junho de 1933 [nº 28]

¹⁸ Ruy Ennes Ulrich a Alfredo Pimenta, carta de 2 de Agosto, s/ ano [nº16]

¹⁹ Ruy Ennes Ulrich a Alfredo Pimenta, carta de 31 de Julho de 1946 [nº 53]

²⁰ Alfredo Pimenta, *A Evolução dum Pensamento (auto-biografia filosófica)* – Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1935

estudantes, explicita o critério que seguira e, em jeito de pedagogo, aconselha-o a teimar na pureza da procura, longe de qualquer interesse que não fosse a Verdade.²¹ Logo Rui Ulrich o aplaude e expõe a sua concordância com as conclusões expostas. A estas chegara com a experiência da vida e a meditação que sobre ela fizera: “(...) *A sua auto-biographia é perfeita e só o censuraria por parecer haver a preocupação excessiva de justificar a evolução das suas ideias, se isto não o tivesse levado a escrever aquellas bellas paginas sobre o character subjectivo e transitorio da verdade, fóra da permanencia da fé. As suas conclusões são tão evidentes que só a intolerância e a má-fé as podem contestar (...)*”. E em seguida, medita com a sua inteligência, pragmaticamente, no que a vida afinal lhe tem ensinado: “ (...) *O ser humano é um producto duma larga hereditariedade, produto duma educação com os seus choques e a influencia do meio que o circunda, resultado sobretudo de muitas leituras, algumas até vindas do acaso, que preenchem o seu espirito. Como pode pois haver duas mentalidades eguaes, se qualquer daquelles factores basta para as distinguir, e como pode ainda chegar a haver verdades em que dois espiritos concordem! E nós mesmos quantas involuntarias e quasi insensíveis mudanças vamos soffrendo no decorrer da vida, consoante o meio em que estamos, as occupações que habitualmente nos absorvem, as alegrias e dôres da vida e as reacções que provocam. Como seria possível a um espirito não absolutamente inferior vêr sempre sob o mesmo angulo os mesmos problemas?*” E elogia: “ (...) *Demonstrou o meu Amigo com a brilhante lucidez do seu espirito, proporcionando horas de encanto aos que o ouviam e aos que o leram, entre os quaes a sua benevolencia generosa fez incluir o seu admirador e grato amigo - R. Ennes Ulrich.*”²²

Também na mesma linha de considerações, estas cartas mostram a actividade de publicista requerida a Rui Ulrich que não hesita, quando é caso disso, recorrer ao saber de Alfredo Pimenta: na bibliografia de Rui Ulrich encontra-se publicado, no ano de 1940, o título “*A Antiga Bolsa do Porto*”, (Porto, 1940), a que corresponde a consulta que lhe faz em carta de 26 de Abril de 1940. Este apreço pela cultura que é em Alfredo Pimenta uma necessidade vital, como a sua biografia atesta, une-os no cuidado com que encaram a compra de um exemplar da primeira obra que em Portugal se escrevera sobre a Abissínia, inexistente na Biblioteca Nacional de Lisboa, cuidado que merece a Rui Ulrich uma expressão de espanto sobre a ideia de Alfredo Pimenta pensar que a sua bolsa particular poderia dispor da verba requerida – 100 libras (!!!) e assim suprir a indigência do Estado português que limitara a sua compra até à importância de 9 libras.²³ Aliás, a partir de determinada a altura, Rui Ulrich confessa a sua inquietação com as suas disponibilidades materiais, quando enfrenta a doença da sua mulher, ou quando é chamado às responsabilidades da representação em Londres²⁴

Outro aspecto que estas cartas revelam é aquele faceta conhecida e habitual em todas as sociedades e que é o uso das influências para remediar situações ou conseguir determinados favores que, no caso concreto destas cartas, têm a ‘originalidade’ de serem respondidos com prontidão, atenção e lhanza, e se caracterizarem pela humildade das pretensões. Além de abrangerem como atrás vimos, pedidos de intervenção para aliviar prazos para os problemas económicos de Alfredo Pimenta, não ultrapassam a ajuda a alunos em vésperas de exames, promoção de contínuos ou de indivíduos que procuravam emprego. Às constantes solicitações de Alfredo Pimenta neste sentido, Rui Ulrich justificava de imediato a sua conduta em conseguir a pretensão ou em não a conseguir, não se refugiando no silêncio. O humanitarismo que o escritor mostrava possuir, encontrava eco no humanitarismo do professor.²⁵ Entre as cartas que expressam estas preocupações, há uma que tem um carácter premonitório: em 27 de Abril de 1933, responde às preocupações do escritor a respeito da carreira de seu filho Alfredo Manoel, recém formado em Direito: “(...) *Li com interesse o que me diz do seu filho. Creio que exagera muito as*

²¹ ibd. pg. 19

²² Ruy Ennes Ulrich a Alfredo Pimenta, carta de 24 de Julho de 1935 [nº30]

²³ Ruy Ennes Ulrich a Alfredo Pimenta, carta de 22 de Novembro de 1935 [nº31]

²⁴ Ruy Ennes Ulrich a Alfredo Pimenta, cartas de 25 de Julho de 1939 [nº40] e 30 de Abril de 1933[nº26]

²⁵ Ruy Ennes Ulrich a Alfredo Pimenta, cartas de 22 de Dezembro, s/ano [nº17], 15 de Março de 1924 [nº4], 1 de Janeiro de 1925[nº1], 22 de Janeiro de 1926[nº6], 2 de Agosto s/ ano [nº16], 24 de Junho de 1937 [nº34], 17 de Abril de 1939[nº34], 17 de Janeiro[nº55] e 23 de Janeiro de 1948 [nº56]

suas preocupações, pois elle está no principio da vida e não admira que não tenha podido imprimir a esta um rumo definitivo. Tem de resto as qualidades para triumphar, pois quando fallei com elle fiquei tendo a melhor impressão. Por isto e por ser seu filho, muito estimaria poder ajuda-lo, mas para advogados hoje em dia as collocações não abundam. As companhias existentes já teem o seu contencioso organizado e talvez com excesso, recusando-se naturalmente a aumenta-lo no momento em que a crise obriga a só procurar a redução de despezas. Por outro lado não se fundam novos empregos nestes calamitosos tempos. Creio pois que seremos forçados a esperar por tempos mais propicios. Eu não me esqueço do seu rapaz (...)” Uns meses mais tarde, lamenta novamente não ter tido ensejo de lhe assegurar uma colocação, a ele que “lhe deixara uma tão grata impressão. Mas elle tem, acrescenta, condições para vencer e há-de certamente triumphar, embora não tão rapidamente como naturalmente o deseja a anciedade carinhosa dos Paes!”²⁶ E na realidade, este filho não desmereceu destas palavras e fez brilhante carreira de advogado até à sua morte em 1989.

Há, neste conjunto, algumas missivas que nos introduzem numa esfera mais interior das vidas dos dois correspondentes: quando depõem as armas e revelam o cansaço das lutas que a vida os leva a empreender ou os dramas que sobre eles se abatem. Entram então no domínio das confidências. Alfredo Pimenta terá, em certo momento, murmurado o desalento que o atingia: em troca, não tarda em receber uma carta animosa²⁷; Rui Ulrich, para quem a década de 30 é tormentosa – vive a morte trágica do seu filho, “cicatriz que não sara (...)”, “na verdade os filhos não sabem o poder que têm sobre nós”²⁸ e as consequências na saúde da sua mulher que o obrigam a longas temporadas no estrangeiro em curas hospitalares ou locais de vilegiatura terapêutica, afastando-o dos seus deveres profissionais com pesados danos na sua economia, desabafa e agradece a compreensão inteligente e sensível que encontra no escritor, “Creia que deveras me entenece o carinho com que quer amparar-nos na nossa dôr, provando que as suas qualidades de coração não são inferiores às suas qualidades de espirito!”²⁹. Neste período, a escrita de Rui Ulrich a Alfredo Pimenta toma um carácter mais humano, menos formal e as expressões de consideração para com ele envolvem-se num halo mais afectivo.

Estas cartas, estritamente privadas, em que não se vislumbra qualquer intuito literário na sua expressão ou no seu conteúdo embora não desmereçam dessas qualidades, têm um mérito que justificará a sua publicação. A sua leitura revela-nos como que o dia a dia de duas personalidades cujas opções de vida – tão diferentes – projectaram para as luzes da ribalta da esfera social do seu tempo. Sem pretensões, estas cartas introduzem-nos numa espécie de ‘intra-história’ de duas vidas pessoais se a estas pudéssemos aplicar o conceito de Dom Miguel de Unamuno quando escreve: “*Las olas de la historia, con su rumor y su espuma que reverbera al sol, ruedan sobre un mar continuo, hondo, inmensamente más hondo que la capa que ondula sobre un mar silencioso e a cuyo último fondo nunca llega el sol (...)*”³⁰

‘Persona’, a máscara que revela e esconde a singularidade de cada um, deixa, nesta singela correspondência, transparecer elementos que não nos levam para o *facies* que se compõe para enfrentar o ‘*grand monde*’ mas que ajudarão, certamente, à compreensão destes dois caracteres cuja análise contribui para o esclarecimento da época que lhes foi dado viver.

Maria Tereza Pimenta

²⁶ Ruy Ennes Ulrich a Alfredo Pimenta, carta de 1 de Junho de 1933 [nº28]

²⁷ Ruy Ennes Ulrich a Alfredo Pimenta, carta de 4 de Fevereiro de 1946 [nº52]

²⁸ Ruy Ennes Ulrich a Alfredo Pimenta, cartas de 23 de Janeiro[nº18], 31 de Agosto[nº20], 20 de Setembro [nº21], 5 de Dezembro de 1932[nº23] e 20 de Janeiro [nº24], 17 de Abril [nº25], 30 de Abril de 1933[nº27]

²⁹ Ruy Ennes Ulrich a Alfredo Pimenta, carta de 3 de Outubro de 1932[nº22]

³⁰ Miguel de Unamuno, *En torno al casticismo*, Madrid, Espasa Calpe, Col. Austral, 1968, 7ª ed. pg. 28.

CARTAS
de
RUY ENNES ULRICH
a
ALFREDO PIMENTA
19?? a 1948

|

ADVERTÊNCIA:

1: Há, nesta colecção de cartas, várias que não registam o ano em que foram escritas, tão-somente o dia e mês; a ordem por que são apresentadas ao público segue a do arquivo particular de Alfredo Pimenta*. O facto da maior parte das que estão nesta circunstância serem escritas em papel timbrado do Banco de Portugal e do Conselho de Administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses que Rui Ulrich respectivamente dirigiu entre 1914 a 1927 e 1922 a 1933, permite-nos situa-las entre estas datas com aproximação aos anos de 1928-1929,1930, datas em que uma das filhas de Alfredo Pimenta adoeceu gravemente, em que se dá a crise de 1929, provocando-lhe grandes aflições económicas que o terão impelido a recorrer à influência de Rui Ulrich para resolver problemas de empréstimos nos bancos; verifica-se também que a expressão que Rui Ulrich usa para iniciar as cartas durante este período em que não indica o ano - *Meu caro Amigo* e *meu Caro Alfredo Pimenta* (caso de uma só vez) -, se altera para *Meu querido amigo*, praticamente a partir de 1932 quando introduz o hábito de as datar completamente. Estas constituem a maior parte da colecção que, no tempo, se estende até 1948; todas as cartas são assinadas com o nome completo do Professor, excepto três, logo no início da correspondência em que escreve apenas Ruy Ulrich.

2: Muitas das pessoas referidas nestas cartas são de difícil identificação quando se trata de pedidos de protecção, promoção, etc.

3: A partir do ano de 1932, o papel das cartas não tem linhas, a tinta da impressão passa de preta a azul e na palavra portugueses, o z é trocado pelo s.

* Estas cartas fazem parte do espólio epistolar de Alfredo Pimenta, doado por Maria Tereza Pimenta em 2005 ao Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães. Cf. *Catálogo* Alfredo Pimenta- correspondência recebida, AMAP, Guimarães, 2015

1.

Lisboa, 13 de Janeiro s/ano

Meu Caro Amigo

Recebi a visita do seu recommendado Baptista Cardozo, sentindo muito não poder fazer nada em favor d'elle. Não ha nenhuma vaga de empregado na contabilidade da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes e portanto não posso atender a pretensão do seu protegido. Creia que deveras lamento não lhe poder dar uma resposta mais favoravel...mas os logares são poucos e os pretendentes são muitos. Um affectuoso abraço do seu amigo obrigado

Ruy Ulrich

2.

BANCO DE PORTUGAL
DIRECÇÃO
Lisboa, 16 de Junho (s/ano)

Meu Caro Amigo

O Sr. Manoel Alves Pereira, que em tempos me veio fallar, e por quem o meu amigo tanto se interessou faltou ás provas do concurso que recentemente se realysaram, para caixeiro-ajudante deste Banco. Nestas condições e com grande sentimento meu, nada posso fazer em favor do rapaz. Creia que lamento deveras não ter podido auxiliar por qualquer forma o seu protegido.
Disponha sempre do seu admirador e amigo obrigado

Ruy Ulrich

3.

Papel timbrado
GRANDE HOTEL DE SANTA LUZIA
11 de Setembro (s/ ano)

Meu caro Alfredo Pimenta

Recebi há dias a visita do seu recommendado Alexandre Baptista Pereira, mas infelizmente nada lhe posso fazer. As nomeações para a Companhia de Moçambique, como elle pretende, são da exclusiva competencia do Administrador-delegado e eu não tenho nellas a menor interreferencia. Sinto muito em não lhe poder dar uma resposta mais favoravel, mas o caso não é commigo.
Disponha sempre do seu amigo obrigado

Ruy Ulrich

4.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES
ADMINISTRAÇÃO15 de Março, 1924 (*segundo o carimbo do selo no sobrescrito*)

Meu querido Amigo

Informe-me da situação do seu recommendado Francisco Santos, por quem o meu amigo tanto se interessa. É um bom homem, muito honesto e excelente empregado, mas dentro da função de continuo que corresponde á sua situação social.

Não tem habilitação de especie alguma, nem sabe quasi escrever, e portanto não pode aspirar a logares que exijam maior competencia e maiores conhecimentos. Para ser promovido era necessario que houvesse uma vaga no logar que elle pretende, o que actualmente não sucede, mas mesmo que a vaga se dê parece impossivel elevar o homem acima da sua actual categoria. É claro que eu teria o maior desejo de servir o seu recommendado, porque elle merece sympathia e porque elle tem o seu alto patrocínio, mas quem administra não pode esquecer a sua responsabilidade e não pode dar o exemplo de prejudicar serviços, confiando-os a quem os não saiba desempenhar. São razões fortes, cujo peso o meu amigo decerto reconhecerá, e que nos obrigam a calar o que o simples impulso do coração nos diria. Creia que lamento deveras não lhe poder dar uma resposta mais agradável, mas que hei-de fazer!

Disponha sempre do seu admirador e amigo obrigado

Ruy Ulrich

5.

BANCO DE PORTUGAL

Lisboa, 12 de Novembro, 1925 (*segundo o carimbo do selo no sobrescrito*)

Meu caro Amigo

Recebi aqui a visita do seu recommendado José Pacheco do Canto e Castro, por quem o meu amigo tanto mostra interessar-se. Infelizmente ele pretende um logar que não existe na Companhia dos Caminhos de Ferro e cuja criação se não justifica. A companhia não carece de analyses chemicas. Tem apenas analyses de carvão, o que é de resto uma coisa simples e facil. Para isto já tem pessoal e material sufficiente. Antes de fallar commigo, já o seu protegido tinha fallado com o Presidente da Companhia, o Barros Queiroz, que lhe disse precisamente isto. Lamento muito não lhe poder dar uma resposta mais favoravel, mas infelizmente vejo que nada se pode conseguir.

Disponha sempre do seu amigo e admirador obrigado

Ruy Ulrich

6.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES
ADMINISTRAÇÃO22 de Janeiro s/ ano (*no sobrescrito parece ler-se 1926?*)

Meu caro Amigo

Infelizmente não posso senão confirmar o que lhe disse do Francisco Santos por quem o meu amigo tanto se interessa. Foram de facto até hoje promovidos varios contínuos, o que faz com que o nosso pessoal de thesouraria seja em grande parte de fraca competencia, não havendo nelle quem esteja apto a exercer funções de Direcção e a substituir os atuaes chefes quando necessario. Reconhecendo este mal, a que a brandura dos nossos costumes deixou chegar, resolveu a Administração manter a absoluta separação entre o pessoal maior e menor que em toda a parte formam realmente dois quadros distintos. Por isso, compromethido nesta resolução dos meus Collegas, com a qual concordo, nada posso fazer em favor do continuo Francisco Santos embora muito me custe não servir um recommendado seu. Pode ser que elle desempenhe por vezes algum serviço superior á sua cathegoria, pois é realmente pessoa honesta e que merece toda a confiança, mas isso é differente de lhe dar permanentemente no quadro uma situação para a qual não tem as habilitações necessarias, como o meu amigo por certo reconhecerá. Disponha sempre do seu admirador e amigo obrigado

Ruy Ulrich

7.

PRESIDENCIA
DA ADMINISTRAÇÃO,20 de Março (s/ano) (*1927?, 1928?*)

Meu caro Amigo

Venho agora do Banco de Portugal, onde fui tratar do seu caso. Mostrei o meu empenho com que lhe fizessem um desconto dum conto de reis e espero que serei attendido no Conselho do Banco, que reune amanhã. Como o meu amigo não deve lá nada, tendo sempre pago os seus compromissos, e como ainda fazem favor de serem meus amigos, espero que seremos attendidos.

Amanhã á tarde já o meu amigo poderá ter a resposta no Banco, dentro do prazo que o meu amigo indicou. Muito grato me foi prestar-lhe este pequeno serviço como velho amigo e admirador obrigado

Ruy Ennes Ulrich

8.

Lisboa, 1 de Maio (s/ano) (*A P começa a colaborar na VOZ em 1927*)

Meu caro Amigo

Terei muito gosto em lhe obter a passagem que deseja, mas tem de ser pedida pela “Voz”. Na ausencia do Fernando de Sousa,³¹ haverá com certeza o administrador ou alguém que possa assinar pelo jornal. É necessaria a carta do jornal para o assumpto se regularizar no serviço interno da Companhia. Para o futuro poderá o meu amigo continuar a usar do mesmo processo, obtendo por intermédio da Voz as passagens que periodicamente lhe são necessarias. Não vejo mesmo outra forma possivel, pois, apesar do meu grande desejo de o servir, não há nenhum fundamento para a Companhia dos Caminhos de Ferro lhe dar passagens gratuitas, senão como jornalista e por intermedio do jornal em que collabore.

É claro que terei muito prazer em lêr o seu opusculo, como tudo o que produz a sua penna brilhante e o seu alto espirito. Agradeço pois a sua amavel intenção.

Abraça-o affectuosamente o seu amigo obrigado

Ruy Ennes Ulrich

³¹ José Fernando de Sousa, n.1855, m.1945 engenheiro agrónomo, escritor, jornalista católico, director de vários periódicos como *A Ordem*, *A Época*, *A Voz*.

9.

Papel timbrado
RUY ENNES ULRICH
Rua Silva Carvalho 240
5 de Maio (s/ano)

Meu querido amigo

Effectivamente a passagem que lhe for concedida a pedido da “Voz” não pode deixar de ser contada entre aquellas a que este jornal tem direito ou que lhe costumam ser concedidas em cada ano. Nem doutro modo se comprehenderia a intervenção no caso da “Voz”, ou do Fernando de Sousa. Se a sua passagem fosse fora das habituaes, então seria de facto concedida ao meu amigo e não ao jornal. Teria muito prazer em o fazer, mas não tenho para isso qualquer fundamento nem autorização dos meus collegas da administração.

Recebi o seu opusculo que muito agradeço e que vou ler com o maior interesse.

Um affectuoso abraço do seu amigo obrigado

Ruy Ennes Ulrich

10.

BANCO DE PORTUGAL
DIRECÇÃO
4 de Maio s/ano

Meu Caro Amigo

Apresentei hoje ao Conselho do Banco a sua proposta para o desconto duma letra dum conto de reis com a firma de Pinto d'Almeida ³² e foi aprovada. Está pois o meu amigo servido, o que eu deveras estimo, desde que consiga a referida assignatura. Pode apresentar a letra e a proposta na repartição de descontos do banco e será promptamente attendido.

Estimei muito ter-lhe podido prestar este insignificante serviço e peço-lhe que disponha sempre do seu amigo obrigado

Ruy Ennes Ulrich

³²Alberto Pinto de Almeida, n.1872, m.1957, agrónomo, professor efectivo do Instituto Superior de Agronomia, inspector dos Serviços de Instrução Agrícola, responsável pela escolha de material destinado à Estação de Ensaios de máquinas agrícolas, autor de bibliografia sobre o assunto.

11.

BANCO DE PORTUGAL
DIRECÇÃO
26 de Julho (s/ano) *(em 1927 sai do Banco de Portugal)*

Meu caro amigo

Na sessão do Conselho do Banco, que amanhã se realiza, conseguirei autorização para que a sua letra, a vencer no proximo dia 7, possa ser reformada só com 10% de amortização. Fica assim o caso arrumado, visto que no dia 31 deixarei o serviço do Banco em virtude da lei das incompatibilidades. Mas já tudo fica tratado previamente, bastando que na ocasião do vencimento da reforma da letra o meu amigo se entemda na nossa Repartição de descontos que já terá então as instruções necessarias.

Minha mulher está actualmente no Grand-Hotel, Nérís les Bains, departamento do Allier, França. Deve demorar-se até 8 de Agosto, em que acaba a sua cura thermal. Pode pois o meu amigo escrever-lhe para lá.

Eu desejo ir ter com ella em Agosto para ir depois fazer tambem uma cura d'aguas.

Desejo partir no dia 4, mas ainda não tenho a certeza de o poder fazer, devendo regressar no fim de Agosto. Faço os mais sinceros e affectuosos votos pelas melhoras da sua filha³³ e abraço-o como seu amigo e admirador obrigado

Ruy Ennes Ulrich

³³ Maria Gracinda Pimenta, n.1909, m.1991

12.

Papel timbrado

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

PRESIDENCIA DA ADMINISTRAÇÃO

13 de Novembro (s/ano)

Meu caro Amigo

Muito estimei saber que tinha feito a reforma da sua letra sem dificuldade.

Junto lhe envio as lições de Direito Internacional, que o Villela³⁴ fez ao meu curso. Para livro de texto devemos concordar que estão atrasados apenas de 24 annos; com o Lobo d'Ávila³⁵ porém, nada me admira. Há contudo outras lições do Villela sobre Direito Internacional Publico mais recentes do que estas. Mando-lhe em todo o caso o livro e o meu amigo verá se lhe serve, devolvendo-m'o logo que delle não precise.

Um affectuoso abraço do seu amigo obrigado

Ruy Ennes Ulrich

³⁴ Álvaro da Costa Machado Vilela, n.1871, m.1956, professor catedrático de Direito Internacional, Universidade de Coimbra, deputado regenerador à Câmara dos Deputados e Procurador à Câmara Corporativa.

³⁵ Carlos Lobo de Ávila, n.1860, m.1895, deputado, ajudante do Procurador-geral da Coroa, Ministro das Obras Públicas e dos Estrangeiros, notabilizou-se no quadro das relações entre Portugal e o Brasil

13.

Em papel de carta, com linhas e sem timbre.

Lisboa, 21 de Novembro (s/ano)

Não admira que nada soubesse da festa que o exaggero amavel de alguns amigos me dedicou, pois ella nunca foi annunciada nos jornaes, que fizeram até ao dia do jantar completo silencio! Agradeço-lhe, porem, tanto como se lá tivesse ido e a sua penhorante carta, cheia de boa amizade. Transparece, porem, nella muita tristeza e muito desanimo, o que deveras me impressionou. Meu pobre amigo! Vejo que a vida lhe tem continuado a ser adversa, o que muito sinceramente lamento. Mas um espirito superior como o seu não se deve dar por vencido. A hora da justiça há-de chegar para ser prestado o devido culto aos seus altos merecimentos!

No entretanto, quero-lhe exprimir aqui com os meus agradecimentos a minha profunda sympathia e abraço-lo como seu amigo muito grato.

Ruy Ennes Ulrich

14.

Papel timbrado

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES
PRESIDENCIA DA ADMINISTRAÇÃO
18 de Abril (s/ano)

Meu querido Amigo

Fui hontem ao Banco de Portugal recommendar o seu pedido de desconto ao Dr. Motta Gomes, que é quem mais directamente superintende nessas transações. Infelizmente parece que o Banco tem falta de disponibilidade e tem rejeitado mesmo operações puramente comerciais, que naturalmente devem preferir às que, como a sua, são meramente particulares. Parece que, alem disto, o Fernando Emygdio³⁶ já tinha fallado no assumpto ao Motta Gomes e este tinha-lhe mostrado a sua discordancia, de modo que é difficil voltar com a sua palavra atraz. Receio pois muito a decisão que deva ser tomada no Conselho de terça-feira proxima, apesar de eu ter recommendado com vivo empenho a sua pretensão. Vamos a vêr em todo o caso o que elles resolvem. Eu fiz o que me era possivel e muito sentirei se a minha intervenção tiver sido inefficaz. Disponha sempre do seu admirador e amigo e obrigado

Ruy Ennes Ulrich

³⁶ Fernando Emygdio da Silva, n.1886. m.1972, professor catedrático de Direito (Universidade de Lisboa)

15.

Papel timbrado

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES
PRESIDENCIA DA ADMINISTRAÇÃO
25 de Abril (s/ano) (*será de 1929, na crise dos bancos?*)

Meu querido Amigo

Não me surpreendeu a decisão desfavoravel do Banco de Portugal, que eu já lhe fazia antever. A minha intervenção foi tardia e quando a questão já estava mal encaminhada! A sua carta impressionou-me e resolvi fazer novas diligencias para lhe conseguir o pretendido desconto. É difficil, pois muitos Bancos liquidaram ou paralyzaram as suas transações, e aos poucos que restam affluem neste momento numerosos pedidos de desconto, de natureza commercial, que, como taes, teem de ser attendidos de preferencia. Contudo por um favor especial consegui que o Banco Lisboa & Açores lhe descontasse uma letra de dois contos, tomando eu o compromisso que o meu amigo a liquidaria no mais curto prazo possivel. Consegui assim satisfazer o seu desejo e livra-lo das difficuldades que me expõe, certo de que não me deixará ficar mal. Pode pois o meu amigo apresentar a letra a desconto, dizendo que o assumpto foi tratado por mim com o director Rodrigo Peixoto. Muito grato me foi prestar-lhe este serviço e peço-lhe que disponha sempre do seu admirador e amigo obrigado

Ruy Ennes Ulrich

16.

Papel timbrado

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

PRESIDENCIA DA ADMINISTRAÇÃO

2 de Agosto (s/ano)

(entre 1929 e 33, mas como a partir de 32, R.U regista o ano, deve ser de 1929 ou 30.)

Meu caro amigo

Não o informaram bem quanto á pretensão da sua recommendada Umbelina de Almeida. Esta entrou ao serviço da Companhia em 1924 e foi demittida por abandono do lugar em 1925. Nestes termos não pode voltar ao serviço da Companhia, pois o nosso Regulamento dispõe que um empregado demittido nunca mais pode ser readmittido. Sinto pois muito nada lhe poder fazer.

Eu parto amanhã para a Haya como delegado do Governo Portuguez à Conferencia das Reparações.³⁷ É uma missão interessante, mas de muita responsabilidade. E em todo o caso adia o meu descanso, que eu esperava começar d'aqui a uma semana no Bussaco.

Recebo pois as suas ordens lá para fóra e abraço-o como seu amigo obrigado

Ruy Ennes Ulrich

³⁷ Conferência das Reparações em Haia, 1929-1933.

17.

Papel timbrado

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

PRESIDENCIA DA ADMINISTRAÇÃO

22 de Dezembro, s/ano

Meu caro Amigo

Recebi com atrazo a sua carta de 28 de Novembro, por me encontrar em Paris. Depois ainda voltei novamente a Paris e tudo isto fez com que eu atrasasse bastante a minha resposta, o que o meu amigo desculpará.

O seu recommendado Luiz de Sousa Amorim é uma pessoa que tem o vicio de pedir e que passa a vida a incomodar toda a gente, inventando em cada dia uma pretensão nova. Não deixa por isso de ser um desgraçado, que vive com reaes e duras difficuldades.

Se o filho quer ser transferido para a Divisão de Via e Obras tem de fazer o pedido oficialmente, o que o Pae, como antigo empregado da Companhia, já devia saber. Depois disto é que o pedido pode ser tomado em, consideração e diligenciarei que o seja, visto o interesse que ao meo amigo elle merece.

Disponha sempre do seu amigo obrigado

Ruy Ennes Ulrich

18.

Papel timbrado

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
PRESIDENCIA DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
23 de Janeiro de 1932

Meu querido Amigo

Sei que já fez a operação que pretendia no Banco Lisboa e Açores, estando pois o assumpto satisfatoriamente arrumado.

A morada da minha mulher³⁸ em Paris é Hotel Mirabeau, Rue de la Paix. Decerto ella terá muito prazer em receber noticias suas. Parece que felizmente continua melhorando com a estada fóra de casa e por isso lá ficará mais algum tempo, embora isto represente para mim um sacrificio. Eu cá vou indo. Tenho tido muito trabalho, o que é talvez uma vantagem.

Abraça-o affectuosamente o seu admirador e amigo obrigado

Ruy Ennes Ulrich

³⁸ Genoveva de Lima Mayer, n.1888, m.1963, escritora, pseudónimo: Veva de Lima

19.

Papel timbrado

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
PRESIDENCIA DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO, 2 de Março de 1932

Meu querido Amigo

Já tratei do seu desconto no Banco de Portugal e conto como certo que será autorizado pelo Conselho do Banco, que reúne na proxima sexta-feira. Quando se chegar ao primeiro vencimento lembre-me para eu conseguir a reforma com a pequena amortização desejada. Já fallei nisto mas a resolução official do banco só poderá ser tomada na data do vencimento, embora não offereça qualquer dúvida. Muito estimo que assim fique servido. Um affectuoso abraço do seu admirador e amigo obrigado

Ruy Ennes Ulrich

20.

Papel tarjado de luto

Bad-Kissingen, 31 de Agosto de 1932

Meu caro Alfredo Pimenta

Recebi aqui a sua carta, que me mandaram de Lisboa. A esta distancia é claro que não posso tratar de nada, mas considero o assumpto arrumado, pois delle tratei antes de sahir de Lisboa. Com a amortização de Esc. 300.00 não deve haver duvida alguma. Mande a proposta com antecedencia de alguns dias para o Banco de Portugal e estou convencido que lh'a approvarão sem qualquer objecção.

Vimos até aqui de automovel para arrancar a minha Mulher a Lisboa e de casa, como era infelizmente tão necessario. Aqui seguimos um tratamento rigoroso á allemã, numa casa de saude excellente, e com a compensação de nos sabermos numa linda região. Espero que o socego e o regimen nos farão bem a ambos, mas isto só interessa o phisico, que pouco importa, e não cura o moral!

Affectuosas lembranças de minha Mulher e um grande abraço do seu admirador e amigo obrigado

Ruy Ennes Ulrich

21.

Papel timbrado

HOTEL MAJESTIC CANNES

20 de Setembro de 1932

Meu querido amigo

Já na minha viagem de regresso recebo a sua carta, mandada de Kissingen e não quero deixar de lhe agradecer todas as suas boas palavras.

Espero que o seu caso das letra no Banco de Portugal se tenha arrumado sem difficuldades e estou certo que assim terá sucedido.

O nosso tratamento em Kissingen, feito com toda a severidade germanica, parece ter-nos feito realmente bem e espero que os seus beneficios se façam principalmente sentir mais tarde, como costuma suceder.

Para a parte moral a nossa linda viagem tem sido um refrigerio, pois o que vimos obriga-nos a uma forçada distracção. Mas é um mero parenthese, que em breve estará fechado para nos restituir á dura realidade da vida diaria e normal em Lisboa, com todo o seu cortejo de penosas recordações.

Receio sinceramente que depois deste periodo excepcional da viagem, a ferida reabra mais dolorosa, sobretudo para a minha Mulher, que nada tem a solicitar imperiosamente a sua attenção. A dôr por que passamos é das que deixam uma cicatriz indelevel, mas bom será quando chegue á cicatriz. Por ora ainda é chaga a sangrar, á mais ligeira evocação e isto destroe toda a possivel alegria e todo o bem estar. A saudade sem remdio, meu amigo, é atroz pela desesperança que traz e porque não permite nenhuma daquellas tenazes illusões com que os homens suavizam muitas vezes os seus maiores males! Talvez o maior bem-estar phisico possa dar mais forças para soffrer a dôr, e que não sei se é um bem ou um mal. No entretanto aperta-se-me a garganta ao pensar que dia a dia me approximo de Lisboa, da minha casa e da minha vida normal.

Que tristeza, meu amigo!

Parámos hoje a descansar nesta terra encantadora. Amanhã seguiremos no nosso automovel para Marselha.

Minha mulher muito agradece as suas affectuosas expressões.

Um grande abraço do seu admirador e muito obrigado

Ruy Ennes Ulrich

22.

Papel com linhas, sem timbre, tarjado de luto carregado
Lisboa, 3 de Outubro de 1932

Meu querido Amigo

Ao regressar há tres dias da minha longa viagem encontrei a sua affectuosa carta que muito lhe agradeço. Creia que deveras me enternece o carinho com que quer amparar-nos na nossa dôr, provando que as suas qualidades de coração não são inferiores ás suas raras qualidades de espirito!

Na verdade os filhos não sabem o poder que teem sobre nós e talvez isto seja um bem para os que vivem!...Tenho realmente ainda uma filha,³⁹ digna de toda a ternura, que não lhe regateamos. É ainda um sorriso que ficou na nossa existencia e que nos obriga a dissimular a nossa dôr para a não contristar em demasia. Mas a ternura por ella já existia e não teve de mudar. Falta o seu companheiro e a falta dum filho, que no declinar da vida é para os paes um auxilio e como que uma continuação, não pode ter nella substituição. Há para mim uma melancholia enorme em pensar que elle não estará para receber de mim o que eu lhe poderia deixar e para usar até da influencia que elle podia encontrar em mim para o encaminhar na vida. Este sentimento, mais acentuado no Pae, não impede que realmente a dôr da Mãe seja mais confrangedora e mais irremediavel. Para mim constitue isto constante preocupação. Agora mesmo, desde a chegada a Lisboa a minha atenção tem sido sollicitada hora a hora e quasi minuto a minuto para questoes a resolver e apenas tenho tempo para dormir. Questoes inadiaveis não permitem sequer que se demore a sua resolução. E cá vou arrastado na corrente, embora sinta mais pezado o sacrificio, sem a alegria, o interesse, a confiança no futuro com que eu trabalhava até aqui. Mas de facto não tenho a possibilidade de me entregar ao meu desgosto. A Mãe coitada! Mergulhou no oceano das recordações que esta casa lhe traz. E já penso em a levar para o Bussaco a passar algumas semanas.

Não tenho o direito de o estar a perseguir com as nossas tristezas sem remedio. Deixei-me levar por ellas, quando apenas pretendia significar-lhe o meu commovido agradecimento pelas suas palavras tão affectuosas e tão inteligentes.

Creia que nunca esquecerei esta prova da sua amizade e que ficarei sempre seu amigo e admirador gratissimo.

Ruy Ennes Ulrich

³⁹ Maria Ulrich, n.1908, m.1998, pedagoga, fundadora de uma das primeiras escolas para as educadoras de infância (Escola de Educadoras de Infância), membro activo da Acção Católica Portuguesa.

23.

Papel tarjado de luto
5 de Dezembro de 1932

Meu querido amigo

Recebi em devido tempo o seu livro,⁴⁰ que teve a gentileza de me oferecer, pelo que lhe fiquei profundamente grato. Não lho agradeço há mais tempo porque esperava para isso ter o prazer de o lêr primeiro e não tenho tido infelizmente senão reduzidíssimo tempo para reservar ás minhas leituras. Perdoe pois a minha falta involuntaria e aceite os reconhecidos agradecimentos do seu amigo e admirador muito obrigado

Ruy Ennes Ulrich

⁴⁰ Alfredo Pimenta, *O Pensamento Político do Senhor D. Manuel II através das suas Cartas*, Lisboa, 1932, Ed. José Fernandes Júnior, (presumivelmente, pela data da edição)

24.

Papel timbrado
COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
PRESIDENCIA DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO 20 de Janeiro de 1933

Meu querido amigo

Recebo affectuosamente as duas cartas que me escreveu e peço-lhe desculpa por não ter respondido á primeira há mais tempo. Mas recebi-a poucas horas depois da minha chegada a Lisboa e nestes primeiros dias tenho tido tantos assumptos urgentes e importantes a tratar que me foi impossivel ocupar-me do seu caso. Só hoje tive ensejo de fallar com a Direcção do Banco Lisboa e Açores e de obter o seu acordo para a transacção que o meu amigo deseja realizar. Pode pois apresentar lá a desconto a sua letra dum conto de reis. Muito lhe agradeço o seu amavel interesse por nós. Minha Mulher ficou em Paris, onde tem melhorado e espero que continuará a melhorar, o que me levou a fazer o grande sacrificio de a lá deixar por algum tempo. Eu cá vou, encontrando no muito trabalho que tenho tido uma forçada distracção. Um affectuoso abraço do seu velho amigo e admirador muito obrigado

Ruy Ennes Ulrich

25.

Papel tarjado de luto
Lisboa, 17 de Abril de 1933

Meu querido amigo

Já tratei com o Doutor Vasconcellos Correia⁴¹ da reforma da sua letra no Banco Lisboa e Açores e a amortização ficou reduzida a duzentos escudos. Alem disso, é claro, há a pagar os juros até ao novo vencimento. Quero crer que esta solução o satisfaça.

Eu cá vou indo sem alteração.

Minha Mulher regressou de Paris um pouco melhor, mas em Lisboa o pezo cruel das recordações é mais doloroso e passa sempre menos bem. Ella estimaria muito vê-lo, pois a conversa das pessoas amigas ainda é para ella a melhor das distrações.

Um affectuoso abraço do seu amigo muito grato

Ruy Ennes Ulrich

⁴¹ António Vasconcelos Correia, n.1872, m.º eng.º civil, banqueiro, Procurador à Câmara Corporativa, vice-presidente do Conselho de Administração por proposta de RU, presidente do Conselho de Administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses quando RU foi para Inglaterra, director do Banco Lisboa & Açores

26.

Papel tarjado de luto

Lisboa, 27 de Abril de 1933

Meu querido amigo

Muito estimei saber que se tinha resolvido sem qualquer dificuldade a reforma da sua letra no Banco Lisboa e Açores como aliás era de esperar.

Agradeço-lhe o seu interesse pela minha Mulher, que, embora sob o pezo constante da sua enorme dôr está talvez um pouco mais bem disposta.

Li com interesse o que me diz do seu filho.⁴² Creio que exaggera muito as suas preocupações, pois elle está no principio da vida e não admira que não tenha podido imprimir a esta um rumo definitivo. Tem de resto todas as qualidades para triumphar, pois quando fallei com elle fiquei tendo a melhor impressão. Por isto e por ser seu filho muito estimaria poder ajuda-lo, mas para advogados hoje em dia as collocações não abundam. As companhias existentes já teem o seu contencioso organizado e talvez até com excesso, recusando-se naturalmente a aumenta-lo no momento em que a crise os obriga a só procurar a redução das despezas. Por outro lado não se fundam novos empregos nestes calamitosos tempos. Creio pois que seremos forçados a esperar tempos mais propicios. Eu não me esqueço do seu rapaz. Se me surgir alguma oportunidade e elle não tiver arranjado melhor, logo lh'o direi. Mas temos de dar tempo ao tempo!...

Um affectuoso abraço do seu admirador e amigo obrigado

Ruy Ennes Ulrich

⁴² Alfredo Manoel de Carvalho Pimenta, n.1907, m.1989.

27.

Papel tarjado de luto
Lisboa 30 de Abril de 1933

Meu querido Amigo

A noticia que lhe chegou é provavel, mas ainda não é certa, nem tem por ora character official. Se eu aceitar, fa-lo-ei principalmente com o intuito de tirar a minha mulher deste meio, em que a sua tortura é maior, e de a forçar a uma distracção obrigatoria. Mas é um grande salto para o desconhecido e um sensivel prejuizo material. Não sei pois se é caso para parabens !...

No entanto agradeço-lhe mais esta prova de amizade e abraço-o affectuosamente como seu admirador e amigo obrigado

Ruy Ennes Ulrich

28.

Papel tarjado de luto
Lisboa, 1 de Junho de 1933

Meu querido amigo

Muito lhe agradeço a sua amavel carta e tambem desde já lhe faço as minhas despedidas e lhe offereço os meus servicos em Londres, para onde tenciono partir no proximo dia 8. Sinto bem o melindre do cargo que vou desempenhar e as suas responsabilidades, embora não seja tão pessimista sobre os perigos que possa correr Portugal, quando justamente a sensivel melhoria da civilização interna lhe permmite gozar de mais consideração internacional. Porei no exercicio do meu novo cargo a dedicação devida e esperarei o veredictum da sorte, que me favorecerá ou não e que tão importante é em casos taes.

Lamento de facto muito não ter já em Inglaterra El-Rei D. Manuel⁴³ por quem professava a mais justa admiração. Não creio que a sua acção diplomatica fosse tão intensa como se tem dito, mas conhecia bem o meio e os seus conselhos seriam da maior utilidade. Podia-se appellar sempre para elle na defesa dos interesses portugueses. Tambem eu lamento não ter tido ensejo de assegurar uma collocação ao seu filho, que me deixou uma tão grata impressão. Mas elle tem condições para vencer e há-de certamente triumphar, embora não tão rapidamente como naturalmente o deseja a anciedade carinhosa dos Paes!

Recebo pois as suas ordens, agradeço-lhe todas as suas palavras amigas e abraço-o como seu admirador e amigo obrigado.

Ruy Ennes Ulrich

⁴³ D. Manuel II, Rei de Portugal, n. 1890, m.1932

29.

Papel tarjado de luto

Lisboa, 22 de Setembro de 1933

Muito agradeço a sua carta e também eu lamento não ter ensejo, na minha curta passagem por Lisboa, de conversar consigo, pois é sempre um grande prazer trocar impressões com uma pessoa da sua alta mentalidade. Cheguei no dia 5 de Setembro e terei de embarcar novamente no dia 20 de Outubro, preparando a mudança parcial da nossa casa.

As minhas impressões deste primeiro contacto com a vida diplomática em Londres são, por carta, impossíveis de enumerar. São múltiplas e não muito favoráveis para nós infelizmente. Tínhamos chegado á mais ignominiosa situação internacional e só della começamos lentamente a emergir. E o peor é que não havia injustiça na pejorativa opinião que de nós faziam. Ora a confiança perde-se num dia e leva muito tempo a readquirir. Precisamos de consolidar com cuidado a aliança inglesa, único esteio que nos resta. Para isso há que reprimir certo nacionalismo balofo, que impera sobretudo nas colónias, e cuidar de varios pontos, entre ao quaes não deixa de avultar a apparencia da nossa representação no exterior! Está o meu amigo longe destas preocupações no idyllico sossego do seu Minho, cuja eloquente descripção li com certa inveja. Eu tive sempre o ideal duma casa de campo minha, em que vivesse tranquillo com alguns bons livros, e cada vez me afasto mais da sua possível realização.

Minha Mulher está agora no Bussaco, de onde deve regressar na segunda-feira. Não se deu mal em Londres, mas menos bem do que eu esperava. Não gosta muito do meio e faz-lhe grande falta o conhecimento da lingua. Depois de Londres estivemos numa cura de aguas em Bad-Kissingen na Alemanha e ahi infelizmente a Veva deu-se francamente mal. Os seus nervos estão muito abalados e o coração um tanto cansado. Eu achei interessante a vida em Londres na minha posição, mas estive lá na melhor epocha do ano e com múltiplas occupações, seguindo a Conferencia economica e os acontecimentos mundanos da season. Agora vamos para o inverno, o que é bem differente e com uma demora para lá de seis mezes. Aperta-se-me um pouco o coração com a perspectiva deste exilio prolongado, mas joguei esta cartada e não tenho remedio senão aguenta-la.

Um affectuoso abraço do seu amigo muito obrigado

Ruy Ennes Ulrich

30.

Papel timbrado da

EMBAIXADA DE PORTUGAL

EM LONDRES

24 de Julho de 1935

Meu querido amigo

Acabo de lêr com subido prazer a formosa licção com que o meu amigo distinguiu os estudantes da Universidade de Coimbra e de que tão gentilmente me offereceu um exemplar.⁴⁴ Como somos da mesma geração sensibilizou-me a nota commovida com que o meu amigo allude aos nossos tempos remotos de escolares.

A sua autobiographia é perfeita e só o censuraria por parecer haver a preocupação excessiva de justificar a evolução das suas ideas, se isso não o tivesse levado a escrever aquellas bellas paginas sobre o caracter objectivo e transitorio da verdade, fóra da permanencia da fé. As suas conclusões são tão evidentes que só a intolerancia e a má fé as podem contestar. O ser humano é um producto tão complexo, fruto duma larga hereditariedade,

producto duma educação com os seus choques e a influencia do meio que o circunda, resultado sobretudo de muitas leituras, algumas até vindas do acaso, que preenchem o seu espirito.

Como pode pois haver duas mentalidades eguaes, se qualquer daquelles factores basta para as distinguir, e como pode ainda chegar a haver verdades em que dois espiritos concordem! E nós mesmos quantas involuntarias e quasi insensíveis mudanças vamos soffrendo no decorrer da vida, consoante o meio em que estamos, as occupações que habitualmente nos absorvem, as alegrias e dores da vida e as reacções que provocam. Como seria possivel a um espirito não absolutamente inferior vê sempre sob o mesmo angulo os mesmos problemas? Demonstrou o meu amigo com a brilhante lucidez do seu espirito, proporcionando horas de encanto aos que o ouviam e aos que o lerem, entre os quaes a sua benevolencia generosa foy incluir o seu admirador e grato amigo

R. Ennes Ulrich

⁴⁴ Alfredo Pimenta, *A Evolução dum Pensamento (auto-biografia filosófica)*, Coimbra, Biblioteca da Universidade de Coimbra, 1935.

31.

Papel timbrado da

EMBAIXADA DE PORTUGAL EM LONDRES

22 de Novembro (*s/ indicação de ano, mas o carimbo do sobrescrito indica 1935*)

Meu querido amigo

Já antes de receber a sua carta eu soubera da venda do interessante livro sobre a Abyssinia.⁴⁵ Como se tratasse duma obra, de que não existe nenhum exemplar na Bibliotheca Nacional, escrevi ao respectivo director perguntando se o não queria adquirir. Respondeu-me que ia propôr a compra ao Ministro até um conto de reis, ou seja cerca de £.9, o que é manifestamente ridiculo!

Não percebi contudo bem a sua carta. Julgará o meu amigo que eu poderei dispôr de £.100 da minha algibeira para comprar um livro, por mais interessante que seja? Doce illusão!!

Em Portugal o interesse por estas coisas é o que o meu amigo vê. Dão 9 libras por um exemplar rarissimo, da primeira obra que em Portugal se imprimiu acerca da Abyssinia!

Eu de saude estou bem felizmente, mas encontro-me demissionário, o que não deixa de ser uma situação um tanto critica, graças á inconfidencia dos correligionarios de D. Duarte Nuno!⁴⁶

Um affectuoso abraço do seu amigo obrigado

R. Ennes Ulrich

⁴⁵ Seria *A Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias*, Lisboa, 1540: do Pe. Francisco Álvares?

⁴⁶ D. Duarte Nuno Duque de Bragança, pretendente ao trono de Portugal, n. 1907; m.1976.

32.

Lisboa, 11 de Abril de 1937

Meu Prezado e Querido Amigo

Recebi os diversos livros,⁴⁷ que teve a extrema gentileza de me mandar e que distribui pelos diversos membros desta família, por si tão generosamente contemplada.

Vou lêr com o maior interesse os que me são destinados e sobre elles não deixarei de lhe transmittir depois as minhas modestas impressões.

Um affectuoso abraço com mil agradecimentos de um velho admirador e amigo muito obrigado.

R. Ennes Ulrich

⁴⁷ Identificação difícil, porque Alfredo Pimenta publicou vários livros em 1937:

- *Subsídios para a História de Portugal (Textos & Juízos críticos)*, Lisboa, Edições Europa,
- *Aditamento aos Elementos de História de Portugal*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade,
- *Guimarães (Separata do Mundo Português)*, Lisboa
- *A Proposito da Sigla IHS (Separata do "In Memoriam" do Dr. Campos Monteiro)*, Porto,
- *A conquista de Lisboa em 1147 – Nota à margem da História de Portugal, de Alexandre Herculano* – Lisboa, edição do Autor,
- *O D. João VI do Snr. Marquês de Lavradio*, Lisboa, edição do Autor,
- *Nas Vésperas do Estado Novo*, Porto, 1937, Livraria Tavares Martins.

33.

Lisboa, 9 de Junho de 1937

Meu Prezado e Querido amigo

Recebi os dois livros que tem a gentileza de me mandar e já pelo facto lhe exprimi a minha gratidão. Acabo agora de os lêr com o sumo interesse, que estas, como todas as suas obras merecem.

O estudo sobre a conquista de Lisboa é mais uma demonstração da sua erudição prodigiosa.⁴⁸ É um quinau no Alexandre Herculano, mas justo e dado com a maxima gentileza e correcção.

O que o meu amigo escreveu nas *Vesperas do Estado Novo*⁴⁹ tem um relevo especial para quem viveu nessa epocha ignominiosa e que a seguiu de perto. As suas palavras de então parecem ter maior sabor ainda lidas a annos de distancia e esse é o testemunho irrecusavel de quanto valem. Não são meros artigos de jornal, que só vivem da oportunidade momentanea. Juntam ao vigor do polemista a mentalidade do philosopho e do homem de sciencia e por isso o seu valor perdura. Pode o meu amigo ter errado ao prevêr a curta duração da ditadura e a sua evolução para a monarquia, mas as circunstancias mudaram muito desde 1925-26 e a contradicção das previsões feitas não diminuiem o seu interesse. A sua argumentação é sempre de alta intelligencia e de veras convincente e a affirmacção de principios encontra as mais perfectas formulas para se impôr. Há trechos no seu livro que mereciam ser recortados para todos lêrem e meditarem tão severa e justa é a critica tão clara e efficaz a soluçãõ que preconiza. A obras como a sua muito deve o Estado Novo e a melhora relativa que elle nos trouxe, o que deve constituir para o meu amigo justo motivo de orgulho.

Felicitando-o pois calorosamente por mais esta prova do seu preclaro talento e agradecendo-lhe reconhecido, abraça-o o seu velho admirador e amigo muito obrigado

R. Ennes Ulrich

⁴⁸ Alfredo Pimenta, *A Conquista de Lisboa em 1147 – Nota à margem da História de Portugal, de Alexandre Herculano*, Lisboa, 1937, Edição do Autor

⁴⁹ Alfredo Pimenta, *Nas Vésperas do Estado Novo*, Porto, 1937, Livraria Tavares Martins

34.

Papel timbrado da

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LISBOA ADMINISTRAÇÃO

24 de Junho de 1937

Meu querido amigo

O seu recommendado, Antonio Judice de Magalhães Barros Baião, fez hoje exame, mas desistiu. Como eu cheguei um pouco atrasado, nem tive ensejo de o interrogar, pois já se tinha retirado quando eu apareci. Nada lhe podia pois fazer e só lamento ter de lhe comunicar este mau resultado!

Disponha sempre do seu admirador e amigo obrigado

R. Ennes Ulrich

35.

Lisboa, 10 de Março de 1939

Meu Prezado e caro Amigo

Muito lhe agradeço o amavel offercimento do seu interessante opusculo sobre a data da fundação da nacionalidade.⁵⁰ Tenho sempre grande prazer em lêr os seus trabalhos, de que tiro valiosos ensinamentos. O seu criterio para a fixação da data de 1128 affigura-se excellente. É um acontecimento inicial de uma serie de factos historicos que deve realmente servir de base ás respectivas commemorações. Somente a data gloriosa de 1128 passará quasi desapercibida... O que critica do pretendido tratado de Tuy tambem é excellente pela originalidade e pela segurança do conceito. Entre nós circulam muitas suppostas verdades por ouvir dizer e poucos teem o escrupulo do meu amigo, não se contentando com referencias mais ou menos autorizadas e querendo vêr os textos directamente! Felicito-o mais uma vez pelo seu trabalho improbo de investigador intelligente, tanto mais util em Portugal por ser raro. Abraça-o com mil agradecimentos o seu admirador e amigo obrigado

R. Ennes Ulrich

⁵⁰ Alfredo Pimenta, *A Data da Fundação da Nacionalidade (24 de Junho de 1128)*, Guimarães, Edição do Arquivo Municipal, 1939

36.

Lisboa, 5 de Abril de 1939

Meu Prezado e Querido Amigo

Muito agradeço o penhorante offerecimento dos seus novos trabalhos. Muito interessante e julgo que absolutamente original é a duvida levantada no seu artigo do “Bazar” sobre o titulo do primeiro Rei de Portugal.⁵¹ Não fica o caso esclarecido, mas todos os seus leitores esperam que as suas qualidades raras de investigador o consigam ainda resolver de modo definitivo. Nas suas notas de diplomatica⁵² vem a confirmação convincente de affirmações suas anteriores. É grato seguir a sua incansavel actividade, á qual tanto se deve já e da qual tanto há ainda a esperar.

Com os calorosos applausos aqui vão as felicitações sinceras do seu admirador e amigo obrigado

R. Ennes Ulrich

⁵¹ Alfredo Pimenta, “Na Academia Portuguesa de História”, Bazar, A Voz, 11.3.1939.

⁵² Alfredo Pimenta, *Notas de Diplomática*, Lisboa, 1939, Edição do Autor.

37.

Papel timbrado da

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LISBOA ADMINISTRAÇÃO

17 de Abril de 1939

Meu caro amigo

Para satisfazer o seu pedido falei hoje com o Meira acerca do seu recommendado que pretende ser nomeado moço do Banco de Portugal. Elle disse-me, porém, que toda a Direcção estava empenhada em nomear para a vaga existente o filho dum continuo, que tem 40 anos de serviço. Não tem pois qualquer viabilidade a pretensão do seu protegido.

Disponha sempre do seu amigo obrigado

R. Ennes Ulrich

38.

Versailles, 8 de Julho de 1939

Meu prezado e caro Amigo

Amenisei a longa viagem de Lisboa a Paris com a interessante leitura do seu Opusculo,⁵³ que o meu amigo teve a gentileza de me oferecer e que penhoradamente lhe agradeço. N'elle se revelam mais uma vez a sua vasta erudição e os seus dotes brilhantes de polemista. Li-o pois com grande prazer e por elle o felicito sinceramente... Vim para aqui procurar melhoras para minha Mulher, que após uma operação grave tem soffrido terrivelmente dos seus nervos e assim está há semanas sem melhoras sensíveis infelizmente. Tem sido uma tremenda provação! Um affectuoso abraço do seu admirador e amigo obrigado

R. Ennes Ulrich

53?

39.

Papel timbrado do
TRIANON PALACE HOTEL
VERSAILLES
15 de Julho de 1939

Meu querido amigo

Muito agradeço a sua penhorante e affectuosa carta. Minha Mulher effectivamente não está bem. Depois de uma operação em que tudo correu com incidentes sem importancia, sobreveio-lhe uma forte depressão nervosa, em que se acha há umas poucas semanas, sem que se tenha conseguido obter-lhe melhoras apreciáveis. Este estado fa-la soffrer muito e mantem-na num estado de grande fraqueza. Para mim é especialmente angustiosa esta situação, em que me encontro enleado tão longe de casa, sem a poder deixar e sem que ella possa por ora fazer a viagem. Pode calcular o transtorno sob todos os pontos!

Nesta crise que atravessamos muito apreciamos pois a sua prova de interesse e amizade. Só lamentamos que o meu amigo tenha deixado de frequentar a nossa casa, onde sempre o recebemos com amizade e sincero prazer. Espero que goze de merecido descanso das suas ferias, sempre necessarias a quem tão intensamente trabalha. Eu estou aqui numa completa ociosidade, mas que sem descanso, nem é aprazível. Affectuosas saudades da minha Mulher e um grande abraço do seu amigo grato

R. Ennes Ulrich

40.

Papel timbrado

TRIANON PALACE HOTEL

VERSAILLES

25 de Julho de 1939

Meu querido amigo

Muito agradeço a sua carta e o seu amavel cuidado pela saude da minha Mulher. Infelizmente, em vez de melhoras tem piorado de dia para dia e impõe-se a sua entrada numa casa de saude. Como o meu amigo justamente diz, estas doenças são especialmente dolorosas para quem as soffre e para quem as tem de tratar. Assistir a esta decadencia temporaria dum espirito brilhante é especialmente penoso e a isso juntam-se outras causas de preocupação: a despeza que nos arruina e a ausencia forçada de Lisboa com os maiores transtornos para a minha vida. Enfim, uma tremenda provação. Que Deus nos dê força para a supportar e vencer.

Agradeço a explicação da sua attitude para connosco, que nunca lhe levei a mal, como lh'o tenho mostrado. A situação das duas partes em litigio⁵⁴ não era igual, eu era a victima. O outro só ganhou, pois até conseguiu succeder-me como queria. Eu soffri um enorme prejuizo material e moral. Mas isto já vae longe e de pouca conta para mim ao pé das minhas preocupações actuaes.

Calculo bem que o meu amigo nunca poderá estar em repouso completo. Nem naturalmente o supportaria. Mas não deixará de tirar proveito do encanto da sua casa de campo e da vida fóra do meio de Lisboa.

Absorvido pelos constantes cuidados á minha Mulher não tenho visto ninguem. Nem fui á Rainha D. Amelia,⁵⁵ que tem estado doente. Não acredito que ella vá em caso algum a Portugal, onde a sua situação seria absolutamente falsa.

O caso da Action Française⁵⁶ parece-me a correcção justa dum erro grave e foi recebida pelos catholicos franceses com manifesta satisfação. É mais uma prova da predilecção actual da Santa Sé pela França e a confirmação da politica de união nacional, que neste paiz, tão brilhantemente se está seguindo. Não creio, porem, que tenha outras consequencias. Renovo-lhe os meus agradecimentos e abraço-o como seu velho amigo muito obrigado.

R. Ennes Ulrich

⁵⁴ Litígio entre Rui Ulrich e Armindo Monteiro ?

⁵⁵ D. Amélia de Orleães e Bragança, n.1865,m.1951, Rainha de Portugal pelo seu casamento em 1886 com D. Carlos I

⁵⁶ *Action Française*, quotidiano francês (1908-1945) que defendia e desenvolvia as teorias do «nacionalismo integral».

41.

Papel timbrado da

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LISBOA ADMINISTRAÇÃO

22 de Setembro de 1939

Meu querido amigo

Muito agradeço a sua carta e o seu affectuoso interesse.

Como considerei a guerra inevitavel desde que se firmou o pacto germano-russo,⁵⁷ tratei de sahir da França e conseguimos chegar a Lisboa no dia 2 de Setembro, portanto mesmo a tempo. A viagem fez-se regularmente, mas a minha Mulher desde que chegou não tem qualquer melhoria apreciavel. Continua sensivelmente na mesma. Mantem-se pois o seu permanente soffrimento e o meu constante cuidado. Ainda é uma grande coisa estarmos outra vez em casa e na nossa terra, mas a incerteza sobre o termo desta terrivel doença mantem-se!... No entanto, vamos sentindo, apesar da nossa neutralidade, os effeitos da guerra, com as difficuldades do dia a dia e com o grande aumento do custo de vida, que o governo se obstina a negar e a não querer vêr. Bem maus bocados nos esperam, apesar de Portugal ainda dever ser dos paizes mais poupados. Com uma guerra longa, como é de prevermos, os abastecimentos do paiz hão-de ter grandes embaraços.

Um affectuoso abraço do seu admirador e amigo obrigado.

R. Ennes Ulrich

⁵⁷ Acordo germano-russo de não agressão de 23 de Agosto de 1939

42.

Papel timbrado

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LISBOA ADMINISTRAÇÃO

2 de Outubro de 1939

Meu querido amigo

Recebi as suas duas cartas, da quinta e sexta-feira. A primeira deixou-me um tanto atrapalhado, pois há seis anos que nada tenho com a administração da Companhia dos Caminhos de Ferro. Não sabia pois como podia intervir para o servir como desejaria. Acrescento que, salvo erro, é da essencia dos bilhetes de banhos serem absolutamente improrrogaveis. Quando eu estava nestas hesitações veio a segunda carta e estimei saber que o meu amigo tinha arranjado a sua vida por outra forma. Estimo saber que ficaram assim removidas todas as difficuldades que o preocupavam.

Disponha sempre do seu admirador e amigo obrigado

R. Ennes Ulrich

43.

Papel timbrado

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LISBOA ADMINISTRAÇÃO

23 de Novembro de 1939

Meu querido amigo

Muito agradeço a sua carta e o seu constante e penhorante cuidado pela saúde da minha doente. Como não melhorasse os médicos insistiram muito pelo seu isolamento e a falta de casa de saúde confortável aqui de casa com minha filha e não a tornei a ver há oito dias. Contudo e infelizmente as melhoras não se tem accentuado. Em S. Luiz⁵⁸ esteve apenas dois dias pois não se conformou com as condições da casa que realmente deixam bastante e desejar. Continuamos pois nesta luta que já dura há mais de seis meses. Para mim foi um doloroso sacrifício deixar de a tratar e acompanhar e estou a ver que isso não deu o resultado desejado, o que muito me desanima. Esperemos melhores dias!

Um affectuoso abraço com mil agradecimentos de um velho amigo muito obrigado

R. Ennes Ulrich

⁵⁸ Hospital de São Luiz dos Franceses, ao Bairro Alto, Lisboa

44.

Papel timbrado

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LISBOA ADMINISTRAÇÃO

19 de Janeiro de 1940

Meu Prezado Amigo

Recebi a sua carta e li-a com profunda surpresa. Ando pouco inclinado a expansões, por justificado motivo infelizmente, e não estive consigo quando ante-hontem nos encontramos. Mas não sei por que motivo havia de ser eu a dirigir-me ao meu amigo e não o meu amigo a mim, como confessa que propositadamente o não fez. Sempre lhe mostrei o meu interesse e a minha amizade, como a sua carta o reconhece. Agora, coroando o afastamento que da sua parte notara desde que vim de Londres, é seu desejo cortar as suas relações commigo. Pois seja!

Não perde nada com isso, o meu amigo, a quem a minha modesta posição actual não pode ser muito util. Por mim, na minha idade, com os desgostos que tenho soffrido e as dolorosas preocupações que ainda tenho não me devo incomodar com estes pequenos incidentes. Satisfarei pois a sua vontade.

R. Ennes Ulrich

45.

Papel timbrado da
COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO
LISBOA ADMINISTRAÇÃO
24 de Janeiro de 1940

Meu Amigo

A sua segunda carta obriga-me a uma rectificação. Não faço insinuação. Toda a minha vida o mostra. Costumo fazer afirmações claras e delas tomar inteira responsabilidade. Constatei apenas que o meu amigo nada tinha a perder em cortar as relações commigo. Era uma constatação de facto e nada mais. Nunca disse que se assim não fosse teria procedido diversamente. Foi a sua carta que quiz vêr uma insinuação onde o meu espirito a não punha. Se a sua carta inicial tivesse mostrado a sua magoa eu ter-me-ia apresentado a dar-lhe todas as explicações. Não tenho razões para o querer magoar, nem tenho a consciencia do ter feito. Mas a sua carta começa por affirmar a sua resolução de cortar relações commigo e isso impossibilitou-me qualquer esclarecimento.. A rigor a sua carta nem resposta tinha. Mas da minha parte não havia agravo nem intenção de agravar não quis adoptar essa attitude de reserva.

Recorda a sua carta as provas da sua amizade. Não as contesto, nem as podia contestar. Mas não fui eu quem quis sacrificar essa amizade. Se lhe fallei com pouca cordialidade por uma questão de má disposição em que ando e por inadvertencia não era com o proposito de alterar essa amizade. Foi o meu amigo que desde logo lhe quis pôr termo. Eu recordo sempre com gratidão o elo que em si teem encontrado os grandes desgostos e as grandes preocupações da minha vida e não o esqueço, qualquer que seja o nosso afastamento. É por isso que lhe estou escrevendo para não o deixar ficar sob a suspeita injusta de que a minha carta anterior era mesmo uma insinuação e o podesse ferir. E ainda é porque afinal a minha amizade e a minha gratidão por si se não alterava que me permite dizer-lhe que o meu amigo tem um feitio em demasia desconfiado, que já o tem levado a muitos conflitos! E disso tambem eu fui vitima! Pode crêr que quem soffre a tortura em que há oito mezes vivo com a doença horrivel da minha pobre Mulher, com uma vida de casa esfrangalhada, não quer fazer mal a ninguem. Só aspira a socego, que neste mundo é infelizmente difficil de conseguir. Perdoe o descabido desabafo, ia-me esquecendo que já não escrevia ao amigo velho e caro mas a uma pessoa que já não me conhece. Fique ella como recordação para si dos sentimentos antigos e sinceros do

R. Ennes Ulrich

46.

Papel timbrado
COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO
LISBOA ADMINISTRAÇÃO
30 de Janeiro de 1940

Meu querido amigo

Uma sahida de Lisboa e uma formidavel constipação impediram-me de responder mais cedo á sua carta e de lhe dizer a grande satisfação intima que ella me causou.

Nesta altura de vida já não se conquistam novas amizades, já se viram muitos desaparecerem para outra vida, e são-nos pois mais caros os que ainda restam. Perde-los é profunda dôr. Por isso avalia do conforto com que vejo restabelecida na sua antiga hora affectuosa a nossa velha amizade. Compreendo a sua revolta contra injustiças

que tem soffrido e louvo o seu orgulho em as repellir. Mas devemos ser mais indulgentes para com aquelles em cujos sentimentos podemos confiar e eu creio estar neste caso. Mas não fallamos no que passou. Serviu-me apenas para sentir melhor quanto prezo a nossa amizade e quanto desgosto teria em a perder. Mas felizmente tudo terminou e eu continuo a contar com a sua solicitude carinhosa.

Minha Mulher esta em Cintra há dias. Melhor do seu estado geral. Dos nervos muito mal nuns dias, melhores noutros; mas longe ainda da cura. Sahe todos os dias de automovel e anda um pouco a pé. Mas não dorme mesmo com remedios e tem horas de grande angustia. A minha presença enerva-a mais e estou condenado a não ir vê-la, o que ainda mais me atormenta. Terrivel provação, que já dura há mais de oito mezes!! Que esforço tenho tido de fazer para manter atravez de tudo a normalidade da minha vida!!

Um affectuoso e commovido abraço do seu velho amigo muito grato

R. Ennes Ulrich

47.

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1940

Meu querido amigo

Nova serie de opusculos veem engrossar a sua já tão opulenta bibliografia e mais uma vez a sua gentileza, que penhoradamente agradeço, me quiz proporcionar o prazer da sua leitura. O estudo sobre local e data do nascimento de Portugal⁵⁹ mostra como a sua segura erudição sabe afastar com solidos argumentos as doutrinas fantasiosas mesmo de pessoas autorizadas. É o resultado do seu bom criterio, firmado em muito estudo e muito conscienciosa investigação, e da facilidade com que evolue entre a nossa documentação historica, mesmo a mais remota. De não menor interesse são os tres documentos affonsinos,⁶⁰ que o meu amigo nos revela das pelo menos inteiramente ??? O seu zelo de probo investigador continua assumir assim o acumular materias para o estudo tão descurado da nossa historia, que já tanto lhe deve. O livro dos roubos é tambem deveras curioso, mas não sei bem precisar a natureza dos actos commetidos pelos franceses.⁶¹ Presumo que se trataria de corsarios ou seriam varios meramente vulgares, o que seria um indicio dos costumes da epocha?

Agradeço-lhe pois muito a sua affectuosa lembrança em me proporcionar estas horas de distracção. Minha Mulher não está melhor e o meu tormento continua pois. Bem haja por me ter proporcionado ensejo de sahir delle por momentos e aceite um affectuoso abraço do seu admirador e amigo muito obrigado

R. Ennes Ulrich

⁵⁹ Alfredo Pimenta, *Onde nasceu Portugal*, Guimarães, 1940. Edição do Arquivo Municipal,

⁶⁰ id. *Trez Documentos Affonsinos*, (Publicados e comentados por A. P.), Separata do Instituto, vol. 95, Coimbra, 1940

⁶¹ id. *Livro dos Roubos q os franceses e vasalos do Rej de frança fizeram aos moradores desta Vila de Guimarães e seu Termo* (Editado e Proemiado por A. P.), Guimarães, 1940, Arquivo Municipal.

48.

Lisboa, 27 de Março de 1940

Meu querido amigo

Muito agradeço o amavel offerecimento do seu opusculo sobre o inédito do Cardeal Saraiva.⁶² É bem curiosa a forma como lhe foi parar ás mãos e bem interessante o documento, enriquecido com os seus commentarios. Discordo todavia um pouco da sua indulgente apreciação acerca dos apocryphos, em que me parece vêr talvez uma lamentavel influencia...litteraria!!? Mas o meu amigo offerece a mais brilhante e eloquente refutação do que parece admittir com benevolencia. Ninguem mais cuidadoso e diligente na minuciosa verificação de tudo o que affirma e publica. Quem assim procede não pode estar convencido, no fundo, de que os povos lucrem em ser enganados, mesmo que o engano tenha em vista engrandece-los!... Perdôe o reparo, que apenas vem a mostrar o interesse e attenção com que sempre leio o que o meu amigo escreve, com a minha admiração sincera de amigo gratissimo

R. Ennes Ulrich

⁶² Alfredo Pimenta, *Inédito precioso do Cardeal Saraiva (Publicado e Comentado por A. P.)* Lisboa, 1940, Publicação do Instituto para a Alta Cultura.

49.

Papel timbrado

FACULDADE DE DIREITO

GABINETE DO DIRECTOR

26 de Abril de 1940

Meu querido amigo

Muito agradeço o interesse que lhe mereceu a minha pergunta, que aqui venho explicar melhor. A carta de D. Diniz publicada por João Pinto Ribeiro, de 1331, refere-se à "postura que os mercados do seguro entendessem fazer entre si" e estabelece depois certas medidas, que se vê terem sido apenas a confirmação daquilo que já se fazia por espontanea resolução dos interessados. Quer dizer, D. Diniz veio legalisar e tornar obrigatoria a contribuição para a tal Bolsa ou Associação de Commerciantes, que já anteriormente existia. Desde quando? Eu não conheço documento anterior a este de D. Diniz. Haverá algum? Era a pergunta que eu dirigia à sua proficiente erudição.⁶³ Muito agradeço o seu affectuoso interesse pela saude da minha Mulher. Agora felizmente está bem. Está ainda a convalescer numa pequena casa do Estoril, mas está, graças a Deus, com optima apparencia e muito boa disposição. Está mesmo muito melhor do que estava antes de fazer a operação. Acabou finalmente este pezadello!

Um grande abraço com mil agradecimentos, do seu admirador e grato amigo

R. Ennes Ulrich

⁶³ Rui Ulrich, *A Antiga Bolsa do Porto*, 1940

50.

Lisboa, 27 de Junho de 1940

Meu querido amigo

Fez hoje exame o seu recomendado, Augusto de Sá Vianna Rebello, por quem o meu amigo tanto se interessa. Durante o ano deixara-me bastante boa impressão, mas foi muito infeliz na minha cadeira, sendo manifesto que desconhecia por completo uma parte da materia. Como andou melhor nas outras cadeiras, lá passou com 11 valores e creia que foi favorecido.

Disponha sempre do seu admirador e amigo obrigado

R. Ennes Ulrich

51.

Lisboa, 17 de Março de 1945

Meu querido amigo

Muito lhe agradeço o amavel offercimento do seu novo estudo sobre a Batalha de Ourique.⁶⁴ Dá uma sova magistral no pobre Padre Oliveira,⁶⁵ mas é dada com a autoridade e a solidez de conhecimentos que caracterizam todos os seus estudos historicos. Li-o com vivo interesse e não pude deixar de reconhecer que o tal autor, que desconheço merecia o tratamento severo que recebeu das suas mãos.

Com os meus applausos, aqui fica pois um afectuoso abraço do velho admirador e amigo obrigado

R. Ennes Ulrich

⁶⁴Alfredo Pimenta, *Ainda a batalha de Ourique*, Lisboa, 1945, Edição do Autor

⁶⁵Padre Miguel de Oliveira, n.1897,m.1968, jornalista, historiador, director do jornal *Novidades*, académico de número da Academia Portuguesa da História.

52.*Papel timbrado*

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LISBOA

ADMINISTRAÇÃO

4 de Fevereiro de 1946

Meu querido amigo

Penhorou-me a extrema gentileza da sua carta, mas alarmou-me o que me diz da sua saude e principalmente do desanimo que transparece das suas palavras. Penso que deve haver da sua parte demasiado pessimismo. Não tem o meu amigo idade para considerar que terminou a sua vida de trabalho intelectual. E o seu ultimo livro mostra bem que o seu espirito conserva todo o seu vigor. Todos temos alternativas na vida: periodos em que nos sentimos acabrunhados a que se seguem outros em que retomamos sem custo a actividade normal. Deve o meu amigo atravessar uma dessas crises e acredito bem que careça de descanso depois do enorme esforço que fez.

Mas se moderar agora o seu trabalho, como naturalmente é necessário, em breve poderá recomeçar com o brilho e a energia de sempre. Não tome como definitivo o que por certo é apenas provisório. Não desanime! E verá que dentro em pouco se sentirá capaz de nos dar mais obras que aplaudimos com justiça e entusiasmo. São estes os meus sinceros votos e é esta também a minha sincera convicção.

Desejando-lhe as melhoras rápidas, abraça-o affectuosamente o seu admirador e amigo obrigado

R. Ennes Ulrich

53.

Papel timbrado

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LISBOA ADMINISTRAÇÃO

31 de Julho de 1946

Meu querido amigo

Regressei da America a 8 do corrente. Ainda tive sorte porque aproveitei um dos ultimos Constellation que foram autorizados a fazer a viagem. Se tivesse tido mais uns dias de demora, teria ficado encravado em New-York sem meios de transporte! Ainda assim andei por lá 50 dias!... Quando cheguei encontrei o seu livro,⁶⁶ que teve a amabilidade de me mandar e que muito lhe agradeço. Mas ainda não tive o prazer de o lêr. Desde que cheguei tenho tido o trabalho intensivo dos exames. Com a minha ausencia começaram mais tarde do que é costume e tiveram de se fazer até hontem, não me deixando tempo para nada.

Agora até ao dia 9 tenho de lêr todos os livros que concorreram ao premio Camões e tenho de novo os exames de admissão à Faculdade, que começam no dia 3. Portanto só depois de começar as minhas ferias, lá para 15 de Agosto poderei ler a sua obra com a attenção que ella merece e depois lhe escreverei as minhas impressões. Da America trouxe a impressão da grande inferioridade da administração publica e da grande tendencia para uma nova guerra. Não encontrei o acentuado pacifismo que eu esperava. Não desejam a guerra, mas aceitam a sua necessidade sem relutancia!

Um grande abraço do seu velho admirador e grato amigo

R. Ennes Ulrich

⁶⁶ Alfredo Pimenta publicou dois livros no ano de 1946: *Fuero Real de Afonso X, o Sábio – Versão Portuguesa do Século XIII – Publicada e Comentada por A. P.*, Lisboa, 1946, Edição do Instituto para a Alta Cultura e *Idade-Média (Problemas & Soluções)*- Lisboa, 1946, Edições Ultramar

54.

Papel timbrado

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LISBOA ADMINISTRAÇÃO

29 de Novembro de 1947

Meu querido amigo

Muito lhe agradeço a sua carta de 24 do corrente, em que há muito da sua personalidade amiga. Eu nunca poderia prestar á Causa Monarchica um auxilio efficaz, porque a organização da minha vida o não permittiria e já não estou novo! Não critico os dirigentes que a Causa tem tido, nem desconhecerei as suas imperfeições, porque reconheço as graves difficuldades da sua posição. Os monarchicos ingressaram na actual situação politica e julgo que fizeram bem, porque ella salvou o paiz da derrocada em que iamos e que nem se pode calcular até onde teria ido se existisse ainda, aberta ás influencias externas. Talvez nisso dominassem os interesses, mas estes não eram só dos individuos, eram afinal da nação inteira! Sómente as ideias de facto amorteceram-se. Seria contudo possivel seguir-se outro caminho? Não o creio e julgo que este era de resto claramente indicado pela lei. Ora dirigir uma causa que em certo modo perdeu a sua autonomia é na verdade tarefa melindrosa. Bom seria se dentro da causa houvesse ainda a possibilidade de crear uma organização effectiva de propaganda, mas o meu amigo sabe que esta não é permittida. E tambem não levo isto muito a mal aos governantes, é comprehensivel que elles fujam de qualquer polemica politica que possa embaraçar a sua acção. Assim attitudes publicas e claras parecem-me vedadas aos monarchicos. Poderia ter havido ao lado do regime actual e dos seus partidarios um partido monarchico, independente e que appoiasse sinceramente o mesmo regime. Mas isto que teria sido excellente para dar vida á causa, nunca foi consentido. Os proprios deputados monarchicos foram apresentados, não como taes, mas como candidatos da União Nacional. Não vejo pois possibilidade de acção effectiva de momento, mas apenas se podem manter os ideais e robustecer, se fôr possivel, a organização para poder actuar em qualquer eventualidade futura! Eu reconheço que o logar-tenente,⁶⁷ muito bem intencionado, não é um homem de acção. Faz um grande sacrificio á causa abandonando uma situação material e moralmente vantajosa, para a servir. Isso dá-lhe autoridade. Mas não vejo bem o que elle possa fazer de real, sem perturbar a situação existente. Ora a conservação desta, principalmente na era convulsa que o mundo atravessa, ainda é o sentimento predominante entre os nossos correligionarios. O que pode fazer nestes moldes o pobre logar-tenente? Vejo todos os embaraços da sua posição e não vejo bem como elle há-de fazer qualquer coisa de realmente proficuo!

Torno a desejar-lhe a si e a todos os seus um novo ano com muita saude e felicidades e abraça-o affectuosamente como seu admirador e amigo obrigado

R.Ennes Ulrich

⁶⁷ Prof. Doutor Domingos Fezas Vital, n.1888, m.1953, Vice Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. catedrático da Faculdade de Direito de Lisboa, Presidente da Junta Nacional de Educação, Juíz do Tribunal Permanente de Arbitragem, procurador à Câmara Corporativa, Lugar Tenente do Rei.

55.

Papel timbrado

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LISBOA ADMINISTRAÇÃO

17 de Janeiro de 1948

Meu querido amigo

Effectivamente o bibliothecario da Faculdade aguarda ainda a aposentação, que parece estar demorada. Mas a nós convem esta situação. Temos a substituí-lo um funcionario excellente. Basta dizer-lhe que elle faz por exemplo, o seguinte: quando preciso de estudar um assumpto qualquer, encarrego-o de me reunir todos os livros que há na bibliotheca e que a elle se referem e a escolha é perfeita!! Portanto o desejo unanime da Faculdade é conservar o funcionario actual. Parece que pela lei não somos obrigados a abrir concurso. Devo dizer que não estudei a legislação especial da Faculdade, mas é esta a informação que me dão. Com toda a sinceridade lhe exponho o caso, confessando que a Faculdade fará todo o possivel para manter o actual funcionario.

Sinto muito por isso nada poder fazer em favor do seu recommendado.

Um grande abraço do seu admirador e amigo obrigado

R. Ennes Ulrich

56.

Papel timbrado da

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LISBOA ADMINISTRAÇÃO

Lisboa, 23 de Janeiro de 1948

Meu querido amigo

Nunca me passou pela cabeça a ideia de que o meu amigo pudesse querer prejudicar alguem. Eu é que lhe expuz com absoluta franqueza o sentimento da Faculdade. Estava plenamente satisfeita com a situação actual e, como não a desejava modificar, não dava um passo para promover a aposentação do Farmhouse e a subsequente abertura do concurso para bibliothecario. Não quer isto dizer que o concurso não se tenha de abrir mais tarde ou mais cedo e, desde que o actual catalogador não possa legalmente ser nomeado, terei muito prazer em apreciar a escolha do seu recomendado, por quem o meu amigo mostra tanto interesse, mas de quem ainda não disse o nome.

Nunca em todo o caso poderei vêr em tal interesse qualquer intenção de attingir o actual funcionario. Deve ter havido da minha parte algum defeito de expressão, que o convenceu disto, mas não correspondia de forma alguma á minha ideia. Portanto, se e quando tivermos de ir para o concurso conte commigo, pois já não tenho interesse por nenhum candidato.

Um afectuoso abraço do seu admirador e amigo obrigado

R. Ennes Ulrich

57.

Papel timbrado

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LISBOA ADMINISTRAÇÃO

13 de Maio de 1948

Meu querido amigo

Não realisa bem o que é a minha vida e o pouco tempo de que disponho para lêr mesmo o que mais me interessa. Estou a vêr nas raras horas varios livros que recebi em principios de Abril e ainda não chegou a vez do seu. A seu tempo lho agradecerei. Agora até me cahiu em cima da cabeça uma conferencia internacional que me não deixa tempo para nada.

Um afectuoso abraço do seu velho admirador e amigo obrigado

R. Ennes Ulrich